

Fenômenos Anímicos e seus Mecanismos



*Dedico este livro ao editor Anísio de Brito Neves,
pelo seu trabalho, luta e ideal
no campo da divulgação do espiritismo
O Autor*

Sumário

O PENSAMENTO É UMA SECREÇÃO DO CÉREBRO?	3
FORMAS PENSAMENTO	7
FOTOGRAFIA DE FORMAS-PENSAMENTO	11
O CONTROLE CIENTÍFICO DAS EXPERIÊNCIAS	12
A PRECE, O PENSAMENTO E A VONTADE	14
A VISÃO ANÍMICA	16
DO MAGNETISMO À BIOENERGIA	20
A TEORIA DOS FLUIDOS	23
O ACUMULADOR DE ECTOPLASMA	27
O ECTOPLASMA NA VISÃO DE PESQUISADORES E MÉDIUNS	28

ANÁLISE HISTOLÓGICA DO ECTOPLASMA	33
A EXISTÊNCIA DO DUPLO EM TUDO QUE VIVE	37
O TESTEMUNHO DE ANDRÉ LUIZ	39
A PSICOSCOPIA E A QUESTÃO DOS HOMENS DUPLOS	41
ENERGIA E CONSCIÊNCIA.....	47
CONCEITO DÍNAMO-GENÉTICO DA VIDA.....	50
OS ORGANISMOS VIVOS SAO CAMPOS DE ENERGIA.....	53
TÍPICAS MANIFESTAÇÕES ANÍMICAS.....	57
ANAGNOSIA	57
AUTOCOSPIA	57
AUTOPREMONIÇÃO	57
BILOCACÃO.....	57
BIOPAUSIA	58
CAMPO MEDIANÍMICO.....	58
CLARIVIDÊNCIA.....	58
CRIPTESTESIA OU TELEPATIA.....	58
CRIPTOMNÉSIA.....	59
DÉJÀ VU E A PREMONIÇÃO	59
DERMOÓTICA	60
DIAPSÍQUICA	60
DIAPSÍQUICA DERMOCRÁFICA.....	60
ECTOPLASMA	60
ELONGAÇÃO	61
FOTOGRAFIA PSÍQUICA	61
GLOSSOLALIA	61
HIPERESTESIA	61
IDEPLASTIA.....	62
KIRLIANGRAFIA	62
LEVITAÇÃO	63
MAGNETISMO	63
METABIOS	63
METACINESIA	63
METERGIA	64

O BIÔMETRO DE HIPPOLYTE BARADUC	64
PARACINESIA	64
PARAGNOSIA	64
PERIANAGNOSIA	64
PERSONISMO	64
PICTOGRAFIA	65
PIROVASIA	65
PREMONIÇÃO	65
PROANAGNOSIA	65
PSICOCINESIA	65
PSICOMETRIA	65
PSICOTRÔNICA	66
SONAMBULISMO	66
SONILOQUIA	66
TELA PANORÂMICA	67
TELEANAGNOSIA	67
TELECINESIA	67
TELEPSICOMAGNETOTERÁPICO	67
TRANSE	67
TRANSFIGURAÇÃO	68
TRANSPOSIÇÃO	68
GEMAS, AMULETOS E TALISMÃS	69

O PENSAMENTO É UMA SECREÇÃO DO CÉREBRO?

Se a inteligência dos vivos fosse capaz de produzir levitações, tomar os tecidos incombustíveis, falar língua e discorrer sobre temas que jamais aprendeu, premunir acontecimentos próximos ou remotos, compor obras de arte comparáveis aos dos grandes mestres, criar fantasmas de seres reais etc., haver-se-ia de atribuir ao homem poderes quase divinos.

O professor Charles Henry, no seu livro *“O Homem Depois da Morte”*, citado pelo pesquisador Faure da Rosa, não teve dúvidas em proclamar: A morte de modo nenhum implica a perda da consciência e da personalidade.

Maurice Blondel, que escreveu *“Ensaio de Uma Crítica da Vida”* por sua vez admite: a inteligência não carece da integridade cerebral para se manifestar. O Dr. Agostinho Itunicha, em discurso da Sociedade Antropológica de La Plata, comunicava que um jovem de 14 anos, tratado pelo Dr. Fernando Ortiz, autor da obra *“A Filosofia Penal dos Espíritos”*, morrera no pleno uso das suas faculdades intelectuais, apesar de ter a massa encefálica completamente destacada do bulbo raquidiano, nas mesmas condições que as de um homem realmente decapitado.

Na necrópsia que fizeram no cadáver, com a maior estupefação dos cirurgiões, descobriu-se que as meninges estavam cheias de sangue e que um abscesso ocupava uma parte do cérebro e a protuberância cerebral. No entanto, o jovem pensava como qualquer pessoa saudável algum tempo antes de morrer.

“Les Annales des Sciences Psychiques” de 1917 referem-se a um caso curioso apresentado por Edmond Perrier à Academia de Ciências de Paris, acerca de uma observação do Dr. L. J. Robson: um homem viveu um ano sem sofrimento, sem nenhuma perturbação aparente, pensando, portanto, apesar de ter o cérebro que não era mais que um enorme abscesso purulento.

Um só desse caso, Segundo Henri Bergson (1854-1941), autor de *“Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência”*, citado por Charles

Richet, devia ser bastante para demonstrar que a inteligência funciona independentemente da integridade do cérebro. Também para Bergson, ganhados do prêmio Nobel de Literatura de 1927, cérebro e consciência correspondem-se porque ambos medem, um pela complexidade de sua estrutura e o outro pela veemência da sua atividade, o quantitativo de seleção de que o ser vivo dispõe. Mas esta correspondência nada tem de equivalência nem de paralelismo. Precisamente porque um estado cerebral exprime, simplesmente, o que nele há de ação incipiente no estado psicológico correspondente; o estado psicológico excede infinitamente o estado cerebral.

De uma maneira mais simples, mais clara e probatória, segundo Faure da Rosa: A consciência de um ser vivo é solidária com o seu cérebro da mesma maneira que uma faca pontiaguda é solidária com a sua ponta; o cérebro é a ponta por onde a consciência penetra o tecido compacto dos acontecimentos, mas não é coextensivo à consciência que a ponta o é a da faca.

Ainda é H. Bergson que reconhece de uma maneira precisa que o cérebro não é mais que um instrumento de ação.

O cérebro não determina o pensamento: por conseguinte o pensamento, em grande parte, pelo menos, é independente do cérebro. O cérebro é um órgão de pantomina. O seu papel é mimar a vida do Espírito... O Espírito ultrapassa o cérebro e a atividade cerebral corresponde, apenas, a uma ínfima parte da atividade mental. Isto quer dizer também que a vida do Espírito não pode ser o efeito da vida do corpo, que tudo se passa ao contrário como se o corpo fosse, simplesmente, utilizado pelo Espírito e

que, portanto, nenhuma razão temos de supor que o corpo e o Espírito estejam inseparavelmente ligados um ao outro.

Entre outros testemunhos, Maurice Blondel cita o caso de Claude Bernard, autor da consultadíssima *“Introdução ao Estudo da Medicina Experimental”*.

Dizer que o cérebro segrega o pensamento equívale a dizer que o relógio segrega a idéia de tempo. O cérebro e o relógio são mecanismos, um vivo, o outro inerte: eis toda a diferença.

Uma lâmpada elétrica ilumina com a energia que atua o filamento metálico da ampola... - exemplifica Blondel. Se esta ampola se quebrar, a luz extingue-se. Segue-se daí que a corrente deixou de existir? A prova de que existe é que uma nova lâmpada intacta, ajustada, iluminará imediatamente.

Dá-se o mesmo com a inteligência: é uma força, uma corrente espiritual que ilumina o nosso cérebro. Se o cérebro morrer, segue-se, daí, que a corrente que o fazia atuar deixou de existir?

Para Edmund Wietrich, o Espírito não pode conceber-se fora de suas manifestações, de suas múltiplas formas de atividade. É sinônimo de pensamento, de consciência, de liberdade. O corpo é o indispensável veículo da alma; é a sua mecânica. O corpo permite que a alma tenha uma consciência nítida de si mesma; é o amálgama de estanho que faz da alma um espelho mágico. Sem ele, a alma regressaria à noite do Inconsciente...

FORMAS PENSAMENTO

Após a morte de Helena P. Blavatsky, em 1981, os seus discípulos C. W. Leadbeater e Annie Besant deram a lume o livro "*Troughforms*" (forma pensamento), lançado, no Brasil, pela Editora Pensamento. As pesquisas dos dois teosofistas partiram dos trabalhos do Dr. Hippolyte Baraduc, na expectativa de confirmar, como realmente confirmaram, as informações colhidas através da vidência. Os pensamentos-emoções, irradiados por uma pessoa manifestam-se em determinadas formas e cores. Observou-se que o conteúdo moral dos pensamentos determinava as formas. Ódio, amor, felicidade, agressividade, medo, frustração, cada sentimento produzia imagem distinta, específica. Leadbeater e Annie Besant concluíram que as pesquisas que realizavam poderiam revolucionar a Ciência que, finalmente, poderia envolver-se no estudo sobre os fenômenos psíquicos. Mas, a Ciência jamais se interessou por esse tipo de pesquisa, salvo isoladas investigações (algumas notáveis) a cargo de cientistas do porte de T. Fukurai, o francês Comandante Darget e o alemão Albert, os dois últimos notáveis experimentadores no campo da ectoplasmia.

Por volta de 1910, o Dr. Fukurai realizou uma série de experiências com um grupo de médiuns. Solicitava que transferissem símbolos da escrita japonesa para uma chapa fotográfica, usando tão somente a força do pensamento. O método do Dr. Fukurai antecipava, em anos, o que seria utilizado com o sensitivo americano Ted Serios.

Considerava-se, assim, o pensamento como uma forma de energia, que conseguia imprimir nas chapas fotográficas, diretamente, imagens e

signos. O êxito dessas revolucionárias experiências não conseguiu, porém, sensibilizar os setores ortodoxos da Ciência oficial. Houve, até acerba reação ao trabalho do Dr. Fukurai, por parte de seus colegas da Universidade Imperial de Tóquio. A ignorância, o preconceito, o espírito de sistema, e a velha e perniciosa inveja sempre se constituíram obstáculos aos avanços científicos. Na atualidade, o estudo dos fenômenos psíquicos, promovido pelos encarnados (vivos) e desencarnados (mortos), tem avançado consideravelmente. Criaram, até, em Laboratório o termo PSI, retirado da letra grega de igual nome, por Thouless e Wiesner, para designar qualquer espécie de conhecimento que se não coaduna com as leis científicas usuais. Estabeleceram uma divisão: PSI - GAMA (ou Mentais) PSI - KAPA (ou Físicos).

Em 1969, dezembro, a “American Association for the Advancement of Science” aceitou a filiação da “Parapsychological Association”. O fato representa o coroamento de longa e penosa luta desde os tempos gloriosos das pesquisas psíquicas. Tem-se como provada a realidade dos fenômenos de telepatia, da clarividência, da precognição e da psicocinesia. Mas, deve-se fazer justiça ao Mestre Allan Kardec. Ele foi o responsável direto e consciencioso de todo o processo de investigação em torno do homem e da alma, a partir do momento em que lançou, em Paris, “*O Livro dos Espíritos*”, a 18 de abril de 1857.

Héctor Durville (1848-1923) continuador da obra do magnetizador Barão Du Potet, realizou extraordinárias experiências sobre o desdobramento espiritual. Escreveu uma obra clássica a respeito do magnetismo, de parceria com Paul C. Jogot. Certa ocasião, uma médium levada, por Héctor Durville ao estado sonambúlico descreveu o seguinte:

A paciente pensa, o médium lê.

“Não posso ouvir a sua voz, mas “vejo” seus pensamentos como espécies de raios de luz saindo de seu cérebro; eles emanam de sua própria alma; nós, almas livres, conseguimos ver com incrível facilidade as vibrações que a alma emite, através do organismo físico, ao pensar”.

Eis por que motivo almas mais adiantadas podem ler nossos pensamentos, a eles reagindo conforme o teor de que os mesmos se revestem. Em escala menor, é claro, pode-se identificar o fenômeno da Natureza. Clave Beckster, pioneiro da moderna pesquisa sobre o comportamento dos vegetais, admite que eles possuem, ainda que a nível primário, um tipo de percepção cujo mecanismo é uma incógnita. Após uma série de demoradas experiências, Clave Backster (com o seu polígrafo) começou a ter acesso ao fantástico universo emocional das plantas. Constatou que uma planta doméstica às vezes escolhe uma pessoa que se encontra na sala e começa a produzir, no polígrafo, um padrão gráfico que produz, à perfeição, as batidas cardíacas da pessoa tomada como modelo. As plantas sabem “quando devem encenar um “desmaio” estratégico. Quando um cientista canadense visitou Backster, para observar as suas experiências, as plantas não se manifestaram. Enquanto o pesquisador estrangeiro permaneceu no ambiente, as plantas não se prontificaram a cooperar, percebendo que algo determinara o “procedimento” das plantas, perguntou ao canadense se seus trabalhos, de algum modo, envolviam violências contra as plantas. A resposta deixou-o espantado. - Não à regionalização!, eu as levo ao forno, a fim de obter o seu peso seco para análise”. Pouco tempo depois da partida do visitante, as plantas retomaram às suas surpreendentes manifestações.

O tema é sobretudo fascinante e perturbador. E não adianta apelar-se para os já surrados rótulos parapsicológicos. Eles não explicam coisa nenhuma. Admitindo-se que as revelações de Leadbeater e Annie Besant não se sustentam na ilusão, devendo ser tratadas como autênticos fenômenos, deve-se concluir que as formas-pensamento que ambos viram são compostas de uma matéria sutil, capazes de se movimentar. Vejamos o que esses expoentes da Teosofia informam a respeito: “Se os pensamentos de alguém estão concentrados em outra pessoa, a forma criada por tais pensamentos, dirige-se na direção dessa pessoa. Se os pensamentos de alguém estão concentrados no próprio emitente, então eles ficam circulando à sua volta, sempre prontos a influenciá-lo”. Ele finaliza: “O homem viaja pela vida dentro de um invólucro de pensamentos que ele mesmo cria”.

Alguns cientistas, ao longo de suas pesquisas, perceberam que existe uma inquestionável relação entre o pensamento e a matéria. O físico Niels Böhr chegou a afirmar que “se quisermos interpretar corretamente a mecânica dos “quantas”, suas experiências, e seus paradoxos, temos de aceitar o pensamento como uma ação puramente física”.

Einstein, por sua vez, admite que “do conceito de que a matéria é um fantasma eletrônico, até a idéia de que o pensar é uma imagem-pensamento que se materializa, não existe um grande passo”.

Há algum tempo, o Físico Marcel Vogel, da Califórnia, realizou experiências utilizando-se métodos espectrográficos, destinados a medir uma seqüência de pensamentos concentrados, e expressar os resultados graficamente. Vogel publicou os resultados de suas notáveis e revolucionárias experiências em 1973.

Vem-se observando, pois, que os fenômenos antes estudados e praticados pelo Ocultismo, constituem objeto das preocupações dos grandes cientistas, que não medem esforços para penetrar-lhes a natureza íntima de seus mecanismos. Na verdade, o que antes andava no terreno da superstição é matéria de laboratório. Afinal de contas, a fenomenologia espiritual tem a sua gênese na própria Lei Natural. E o pensamento é, nada mais nada menos, que a expressão do ser espiritual quer esteja vivenciando uma existência corpórea ou incorpórea. Ambos, como afirmou Allan Kardec, têm condições de provocar idênticos fenômenos dependendo das circunstâncias ambientais.

FOTOGRAFIA DE FORMAS-PENSAMENTO

Na década de 1960 saía a lume a obra *“The World of Ted Sérios”* de autoria do Dr. Jule Eisenburd, professor da Universidade do Colorado. O livro é um resumo dos testes realizados com o sensitivo Ted Sérios nos laboratórios da Universidade de Colorado, quando se conseguiu uma série de fotografias de formas-pensamento (Thoughtforms).

O Dr. Jule Eisenburd, ao publicar os resultados de suas pesquisas, refere-se a vários cientistas que estiveram com ele na obtenção das fotografias. O depoimento do ilustre professor da Universidade do Colorado, diante das evidências, assume uma importância capital, igualando-se àquele testemunho de Sir William Crookes quando pôs em risco a sua reputação, para enunciar, baseado em provas irrefutáveis, a imortalidade da alma e a possibilidade de sua intervenção no mundo corpóreo, sob multifacetados aspectos.

O CONTROLE CIENTÍFICO DAS EXPERIÊNCIAS

No início de sua faculdade psíquica, Ted Sérios costumava empregar um cilindro de papel mataborrão que mantinha em torno das lentes apontadas para seu rosto. Na experiência com Dr. Jule Eisenburd, essa prática foi posta de lado. Constatou-se que as fotografias podiam ser obtidas até com lentes cobertas, tanto a câmara nas mãos do sensitivo quanto na de qualquer um dos investigadores.

Para evitar qualquer tipo de fraude, além de meticulosamente examinado, Ted Sérios era confinado a um aposento e a câmara em outro lado. Mesmo assim, os resultados eram fantásticos. O Dr. Eisenburd chegou a mergulhar o sensitivo em uma banheira de mercúrio, o que não impediu que fatos notáveis fossem obtidos.

E bem possível que mais surpreendente resultado tenha sido alcançado sem o auxílio da câmara. Sérios se concentrou em uma parede lisa e a imagem surgiu, com muita nitidez, à vista de todos os pesquisadores.

A maioria das chapas, entretanto, após a revelação, se apresenta em branco, o que constitui um mistério, especialmente quando o rosto de Sérios está voltado para a lente e, certamente, deveria surgir na chapa impressionada. Mas, isso jamais aconteceu. As chapas ou surgem brancas ou revelam as inusitadas e inesperadas imagens que intrigaram (e ainda intrigam) os pesquisadores, mesmo aqueles mais céticos. Uma das explicações sobre o não aparecimento nas chapas, do rosto do sensitivo é que as lentes são, sempre, focalizadas para o infinito. Durante a prova, Sérios fixa os olhos nas lentes e facilmente espera até que veja a imagem se formando. Enquanto isso, tem a impressão de que algo está sendo

desenhado em sua testa. “É justamente nesse momento que a chapa é batida. Grande parte das fotografias psíquicas mostra sombrios quarteirões de cidades. Numa das mais notáveis é visto o imponente edifício da Casa Branca, residência oficial dos presidentes norte-americanos em um ângulo que só poderia ser tomado com o auxílio de um helicóptero, o que seria impossível diante da extrema segurança a que é submetida.

Algumas fotografias mostram interiores e exteriores de construção antigas; outras revelam torres, edifícios, pontes, tais como foram planejados, mas que ainda não foram construídos ou se encontram em fase de construção.

George Topp escreve, o que se segue, no jornal inglês *“The People”* (1968):

“Tinham sido batidas cinco chapas sem resultado. Serios pediu-nos desculpas com humildade; mas, na sexta, Cousens, técnico fotográfico, teve uma exclamação: conseguimos! O resultado era uma brilhante panorâmica de uma grande cidade, tal como se tivesse sido batida em um ponto alto. Arranha-céus, uma rodovia e objetos meio apagados, que poderiam ser carros. Nos dias que se seguiram tentamos identificar o local. Por fim descobrimos: era uma parte da cidade de Dallas, no Texas, com a diferença que, na foto, havia três prédios ao fundo e em Dallas existem apenas dois - o terceiro está ainda em construção!”

Embora as pesquisas psíquicas tenham sido opulentas a partir da segunda metade do século XIX até a nossa época, não se pode afirmar, convictamente, que a ciência reconheça a realidade do fenômeno psi.

Entretanto, deve-se louvar a posição de certos cientistas, e várias partes do mundo, que têm admitido analisar, em laboratório, as complexas facetas do monumental problema. Em Lenningrado (Rússia), por exemplo, o Prof. L. Vassilieve tentou demonstrar, há mais de uma década, que psi não é um fenômeno eletromagnético, ao realizar experiências de sugestão telepática com pessoas hermeticamente fechadas, em gabinetes isolados com chumbo.

A verdade é que a natureza do psi é grande desafio da ciência, na modernidade. Não seria justo, no momento em que as pesquisas sobre a alma atingiram um grandíssimo e inequívoco estágio de veracidade, que se evoque a idéia de que tudo tem origem no subconsciente, como uma entidade distinta e poderosa, que tudo sabe, tudo faz, tudo determina. Queiram ou não queiram, os investigadores do fenômeno psi somente poderão encontrar a gênese de toda a coexistência da alma, que atira tanto no plano físico (encarnada) quanto no plano transfísico (desencarnada) suscitando fenômenos análogos, embora operando basicamente, em dimensões específicas.

A PRECE, O PENSAMENTO E A VONTADE

Pensamento é força; a única força; a grande causa. Se toda a humanidade orasse, formar-se-ia sobre o planeta um manto magnético inimaginável em suas propriedades positivas. Haveria mais saúde, mais paz geral. Se já em pequenos locais, onde se costuma seguidamente orar, se sente a energia espiritual das coisas, que seria da Terra se ela fosse um maravilhoso templo de oração constante?

O indivíduo que ora se fortalece mentalmente. E tendo vigor mental, tem vigor físico, férrea e natural consequência. Física e espiritualmente, o

homem é o que pensa. O que ora, pois, consegue a realização em si do sonhado binômio integral: paz-saúde. Todo o equilíbrio celular é comandado pelo pensamento. Em nós, portanto, está a chave da felicidade. Se a quisermos, obtê-la-emos.

Por outro lado, através da prece podemos aliviar as dores de inúmeros sofredores. Aliás, sobre isso, há já antiquíssimo conhecimento e uso através das civilizações milenares. A alma do povo sente a intuição coletiva, universal, das verdades eternas.

Podemos erradicar vibrações poderosas em benefício de doentes e de Espíritos sofredores. As energias são aproveitadas pelos guias e dirigentes, depois de ampliados e modificados em seu tônus espiritual para objetivos seguros. E quanto maior número de mentes harmonizadas, melhor a sintonia, mais extensa as possibilidades de recursos.

A capacidade volitiva, enfim, é o principal fator do êxito da prece. Deve haver desejo; predisposição a renovar-se. A vontade aumenta com a compreensão e o próprio exercício. A vontade está diretamente vinculada à força da fé. E é a sublimação da vontade, é confiar, é acreditar, é ter certeza de que as rogativas sinceras e equilibradas encontrarão a receptividade.

A prece pressupõe fé, e fé compreende vontade!

A prece, finalmente, é uma solene introspecção, isto é, atenção dirigida para o íntimo do ser. Há diferentes fases nessa introspecção:

a) Superficial: que se verifica no período intelectual da prece. A pessoa tenta afastar-se, aos poucos, do mundo objetivo para refugiar-se

dentro dela mesma e sentir-se espiritualmente;

b) Profunda: aquela em que o ser, conseguido o isolamento do mundo exterior, busca contatar com Deus. Quanto maior a capacidade atencional - em duração e intensidade - maior ressonância espiritual conseguirá registrar.

Tais procedimentos, entretanto, não anulam as repercussões dolorosas motivadas ao longo da vida-de-relação da pessoa, segundo os atos que praticou; concede-lhe a força de que precisa para enfrentá-las sem queixumes e revoltas, considerando-as imprescindíveis ao seu crescimento moral. Não foi sem razão, a propósito, que os gênios tutelares da Codificação do Espiritismo revelaram que a Lei de Deus se encontra registrada no íntimo do ser imortal. É aí que ele vai constituir racional ente-de-razão em torno dos seus cruciais problemas, do seu destino e de suas dores...

A VISÃO ANÍMICA

Segundo Allan Kardec, os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Há os que gozam dessa faculdade em estado normal, perfeitamente acordados, guardando lembrança preciosa, do que viram, outros só possuem em estado sonambúlico ou aproximado ao sonambulismo. Incluem-se na categoria de médiuns videntes todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver os espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência.

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como os que têm dupla vista, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto vêem

com os olhos abertos ou fechados¹.

Devemos distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras ocorrem com mais freqüência no momento da morte de pessoas amadas ou conhecidas que vem advertir-nos de sua passagem para o outro mundo. Há numerosos exemplos de casos dessa espécie, sem falar das ocorrências de visões durante o sono. De outras vezes são parentes ou amigos que, embora mortos há muito tempo, aparecem para nos avisar de um perigo, dar um conselho ou pedir ajuda é sempre a execução de um serviço que ele não pôde fazer em vida ou o socorro das preces.

Essas aparições constituem fatos isolados, tendo um caráter individual e pessoal. Não constituem, pois uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos freqüente, de ver os Espíritos que se aproximam, mesmo que estranhos. E a faculdade que define o médium vidente.

Entre os médiuns há os que vêem somente os Espíritos evocados, podendo descrevê-los com minuciosa exatidão. Conseguem descrevê-los nos menores detalhes dos seus gestos, da expressão fisionômica, os traços característicos do rosto, as roupas e até mesmo os sentimentos que revelam. Há outros que possuem a faculdade em sentido geral, vendo toda a população espírita do ambiente e, poder-se-ia dizer, entregue a seus afazeres.

¹ A vidência propriamente dita independe dos olhos materiais, porque é uma visão anímica, a alma vê fora do corpo. E o que a Parapsicologia chama de “percepção extrasensorial”. A dupla vista se manifesta sempre como um desdobramento a visão normal.

Kardec ainda em “*O Livro dos Médiuns*” relata o seguinte e singular episódio.

“Assistimos, certa noite, a representação da ópera Óberon ao lado de um excelente médium vidente. Havia no salão grande número de lugares vazios, mas muitos estavam ocupados por Espíritos que pareciam escutar as suas conversas. No palco se passava outra cena: por trás dos atores muitos Espíritos joviais se divertiam em contracená-los, imitando-lhes os gestos de maneira grotesca. Outros, mais sérios pareciam inspirar os cantores, esforçando-se por lhes dar mais energia. Um desses mantinha-se junto a uma das principais cantoras. Julgamos as suas intenções um tanto levianas e o evocamos após o baixar das cortinas. Atendeu-nos e reprovou o nosso julgamento temerário. Não sou o que pensa — disse - sou o seu guia protetor, cabe-me dirigi-la. Após alguns minutos de conversação bastante séria, deixou-nos dizendo: - Adeus. Ela está no seu camarim e preciso velar por ela.

“Evocamos depois o Espírito de Weber, autor da peça e lhe perguntamos o que achava da representação - não foi muito má, - respondeu - mas fraca. Os atores cantam, eis tudo. Faltou inspiração. Espera - acrescentou - vou tentar insuflar-lhes um pouco do fogo sagrado! Vimo-lo, então, sobre o palco, pairando acima dos atores. Um eflúvio parecia se derramar dele para os intérpretes, espalhando-se sobre eles. Nesse momento verificou-se entre eles uma visível recrudescência da energia”.

Kardec conta, em seguida, outro caso:

“Assistíamos a uma representação teatral com outro médium vidente.

Conversando com um Espírito espectador, disse-nos ele: Estás vendo aquelas duas senhoras sozinhas num camarote de primeira? Pois bem, vou me esforçar para tirá-las do salão. Dito isso, dirigiu-se ao camarote das senhoras e começou a falar-lhes. Súbito as duas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se, e a seguir se foram, não voltando mais. O Espírito nos fez, então, um gesto gaiato, significando que cumprira a palavra, mas não o podemos rever para pedir-lhes maiores explicações”.

Muitas vezes somos assim testemunhas (visuais) do papel que os Espíritos exercem entre os vivos. Observamo-lo em diversos lugares de reunião: em baile, concertos, sermões, funerais, núpcias etc, e em toda parte os encontramos atijando as más paixões, insuflando a discórdia, excitando as rixas, motivando os apetites sexuais e rejubilando-se com suas proezas. Outros, pelo contrário, combatem essa influência perniciosa, mas só raramente são ouvidos...

A faculdade de ver os Espíritos é uma dessas faculdades cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, sem que se provoque.

Os médiuns videntes, finaliza Kardec, são raros e devem ter muitas razões para submetê-los ao crivo da observação. E prudente não lhes dar fé senão mediante provas positivas. Não nos referimos - sentencia Kardec - aos que alimentam a ridícula ilusão dos Espíritos-glóbulos².

² O exame de alguns efeitos óticos deram origem ao estranho sistema Espíritos-glóbulos. Esses efeitos óticos são considerados, por algumas pessoas, Espíritos. Afirmam que eles as acompanham: vão para direita e para a esquerda, para cima e para baixo, conforme elas movem a cabeça.

DO MAGNETISMO À BIOENERGIA

Os fenômenos do magnetismo, seus processos e sua teoria atravessaram os séculos, no meio de grandes vicissitudes; porém, apesar das perseguições religiosas, encontramos-los quase intactos na época da Renascença (séculos XV e XVI).

Os meios e processos empregados no magnetismo, desde a mais remota antiguidade, são os mesmos que foram redescobertos pelos magnetizadores modernos. Contudo, é inquestionável que os antigos conheciam melhor do que nós a prática e a teoria. Para eles, os diversos ramos da Ciência eram inseparáveis. O magnetismo estava unido estreitamente à Astrologia. Depois do nascimento do Cristianismo, o único que conservou unidos esses dois ramos foi Paracelso (Aerolus Theophrastus ou Philippus Theophrastus Bombast von Hohenheim, Suíça, 1493 - Salzburg, 1541) - O magnetismo de Paracelso é a vida universal. Para ele tudo é vivo: a vida, que existe nos metais, como nas plantas, pode ser transmitida destes ao homem. A palavra magnetismo provém dele, que comparou a força emitida pelo homem à atração que o ímã (magnete), exerce sobre o ferro.

Colene, tradutor em francês e comentador dos Arquidoxos de Paracelso e autor de várias obras herméticas, denomina os homens e os animais “ímãs animados”. E sempre nesse sentido que os antigos entendiam o magnetismo e o entendem os magnetizadores modernos. Depois de Paracelso, os seus discípulos continuaram o trabalho do mestre, porém, praticamente às escondidas, devido às perseguições dos religiosos e dos médicos. Quase três séculos depois, Mesmer adquiriu um grande renome

pela popularização e simplificação dos processos desenvolvidos por Paracelso e seus discípulos. Apesar das suas pretensões, Mesmer, na verdade, não foi descobridor do magnetismo, como provam documentos reunidos pelo Dr. F. Hoeffler e a análise publicada por Rouxel na sua *“Histoire et Philosophie du Magnétisme”*. Lendo os vinte e oito (28) aforismos de Mesmer, publicados em 1779, observa-se que não faz mais do que resumir as teorias de Paracelso. Muito antes dele, Kircher (Athanasius Kircher, 1601-1680) e Maxeel (morto em 1560) empregavam a denominação de “magnetismo animal” no mesmo sentido.

Em fevereiro de 1778, Mesmer chegou a Paris, onde foi mais bem recebido do que em Viena (Áustria). Nessa cidade, recebeu mais de duzentas e quarenta mil libras para revelar todo o segredo; porém, não cumpriu a palavra. Aos numerosos discípulos deu apenas algumas indicações sobre a prática. O conde de Avaux, Bergasse, Durval d'Espremesnil e Deslon, seus discípulos mais chegados, puseram-se a publicar sobre as revelações que Mesmer tinha feito e a fazer conferências públicas sobre magnetismo. Foi em vão que Mesmer procurou impedir que sua “descoberta” se propagasse e caísse no domínio público. Mesmer então publicou um opúsculo em que firmava, em termos energéticos, a sua repulsa ao que ele considerou uma traição. Em seguida, desgostoso, partiu para a Inglaterra, onde não alcançou o êxito que esperava. Os ingleses eram, à época, refratários ao mesmerismo. Após o fiasco na velha Albion, Mesmer passou para a Alemanha, onde desencarnou em 5 de março de 1815. Mesmer parece ignorar os efeitos morais e intelectuais do magnetismo. Nada disse ou escreveu sobre o sonambulismo e outras fases do sono magnético; só fala de seus efeitos físicos na cura das doenças. O marquês

de Puységur e seu irmão, o conde de Chastenet, foram os discípulos de Mesmer que descobriram, em 1783, os principais fenômenos do sonambulismo.

Lendo as duas “*Memórias*” do marquês de Puységur publicadas em 1774, observa-se que o autor descobriu: 1º o isolamento do paciente; 2º sua relação com o magnetizador, por meio dele, com outras pessoas; 3º a transmissão de sensações e de pensamentos; 4º a influência da vontade do magnetismo sobre o magnetizado; 5º extensão e limite dessa influência; 6º a faculdade de ver as doenças e ministrar remédios; 7º a faculdade de ver através de corpos opacos; 8º a faculdade de ver o futuro.

Charles Villers, autor de várias obras notáveis, publicou em 1787 seu “*Magnetismo Amoureux*”, que apesar de seu estilo romanesco, é um extraordinário tratado de metafísica e de magnetismo. Nessa mesma época, os discípulos de Emanuel Swedenborg praticaram magnetismo espiritualista. Para estes, todas as doenças, sem exceção, têm uma causa espírita e o remédio deve ser também espiritual. Entre os swedemborguianos, destaca-se a figura do Cavaleiro de Barbarin, que fundou, em Lyon (França), uma escola de Magnetismo Espiritualista. Em 1808, F. Pétetin, médico em Lyon, publicava o seu livro sobre a “*Eletricidade Animal*”, em que se defende de ser magnetizador e se atribui a descoberta dos fenômenos físicos e morais da catalepsia, que eram conhecidos há muito tempo.

Em 1813, François Deleuze publica a sua “*História do Magnetismo*”, procurando persuadir os cientistas e apresentando, para isso, só os fatos mais aceitáveis. Escreveu ainda, numerosos artigos, uma “*Instrução Prática*

sobre o Magnetismo Animal” e uma *“Memória sobre a Faculdade de Previsão”*. Com as publicações das obras de François Deleuze, o magnetismo teórico e prático ficou definitivamente estabelecido. Na mesma época de Deleuze, L. Lausanne publicava a obra, sempre consultado pelos tratadistas da problemática do magnetismo *“Elementos de Magnetismo Animal e dos princípios e processos do Magnetismo Animal”*. Enquanto isso, A. J. Dalloz apareceu com seus *“Discursos sobre os Princípios Gerais da Teoria Vegetativa e Espiritual da Natureza”* (1818), *“Analogias Principais da Natureza”* (1822) e *“Entretenimento sobre o Magnetismo Animal”* (1823). Nestas três obras, o autor apresenta fatos e experiências que, naquela época, lhe mereceram o epíteto (de parte dos detratores) de “exaltado”. Na verdade, os experimentos do Dr. Dalloz servem, na atualidade, àqueles pesquisadores sérios e dedicados, para estabelecer os prodromes do processo pertinente à bioenergia.

A TEORIA DOS FLUIDOS

Afirma o professor J. H. Pires em seu livro *“Mediunidade”*, da Edicel, que “a teoria dos fluidos tem provocado divergências entre os cientistas e os espíritas”. Acrescenta que se criou uma prevenção contra a palavra ‘fluido’, propondo-se modificações na terminologia. Houve até, e em nome da Ciência, quem negasse a existência de estados imponderáveis da matéria. Há quem pretenda usar os vocábulos ‘energia’ ou ‘bioenergia’ em vez de fluido. Esclarece, a propósito, o Dr. Carlos Toledo Rizzini (*“fronteiras do Espiritismo e da Ciência”* - Lake): “... fluidos são formas de matéria, conquanto rarefeitas e insensíveis. Energia (do grego ergon: trabalho) é a força em ação, capaz de produzir trabalho; energia muscular, elétrica, hidráulica, eólica (do vento), atômica...” E conclui: Fluido é o substantivo

concreto, algo que sempre existe e é manifesto. Energia pode ser abstrata se o corpo que a possui não estiver em movimento.

Atualmente, entretanto, a situação é favorável às postulações espiritistas, que vieram se firmando a partir do trabalho de William Crookes, seguido das experiências espíritas de Alfred R. Wallace, de Beattie e de A. Aksakof, que identificaram, fotografados, os estados da matéria invisível que possibilitam a produção dos fenômenos espirituais.

Ao lado desses eminentes pesquisadores, destacam-se as figuras de H. Baraduc, do Comandante Darget, cujas investigações laboratoriais evidenciaram a emanção dessas forças materiais de todos os corpos, sobretudo dos corpos vivos; e os clichês obtidos testemunham, inequivocadamente, a existência desses fluidos.

“Já podemos pensar em termos de fluidos sem cometer nenhuma heresia científica” - sentencia o professor J. H. Pires.

Confirma-se, destarte, o ensino dos Espíritos, através de laboriosas insuspeitas pesquisas desenvolvidas por homens de ciência que não professam a Doutrina Espirita. Quando muito, alguns se consideram metapsiquistas ferrenhos, refratários aos princípios espiritistas.

Adverte, em boa hora o Dr. Gabriel Delanne (*“A alma é imortal”*):

E necessário que o público, ao ouvir-nos falar de fluidos, se habitue a não ver nessa expressão um termo vago, destinado a mascarar a nossa ignorância. E necessário fique ele bem persuadido de que estamos constantemente mergulhados numa atmosfera invisível, inatingível pelos

nossos sentidos, porém tão real, tão existente quanto o próprio ar.” É, basicamente, o plano espiritual. Com ele entramos em relação por meio do nosso organismo fluídico. Porque possuímos um Perispírito, possível se nos faz atuar sobre esse mundo invisível.

Finalmente, Gabriel Delanne, na obra supracitada, recomenda que se proceda a um estudo metuculoso dos fluidos para a compreensão dos fenômenos espirituais. De fato, sem um acurado estudo dos fluidos, fica realmente difícil entender o seu processus. Mas, como proceder a esse estudo?

Kardec, em “*A Gênese*”, livro quinto da Codificação, afirma que os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio de tal modo diferente do nosso, que não podemos imaginá-los senão mediante comparações tão imperfeitas quanto aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.

Mas, dentre esses fluidos, alguns estão intimamente ligados à vida corpórea e, de certo modo, pertencem ao meio terrestre. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada pode dar uma idéia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos existem inúmeras transformações, que, mais ou menos se aproximam de um ou de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, por conseguinte os menos puros, compõem o que se pode chamar de atmosfera espiritual terrestre. É deste meio onde se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da

Terra extraem os elementos necessários à economia de sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam de ser de natureza grosseira, comparados aos fluidos sutis das regiões superiores.

A qualificação em fluidos espirituais não é rigorosamente exata, pois que, afinal de contas, trata-se sempre de matéria em sua quintessência. Realmente espiritual só há a alma ou o princípio inteligente. São designados assim, por comparação e, sobretudo, em consideração à sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que constituem a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados fluidos espirituais.

E o próprio Kardec pergunta, especulativo: Quem, aliás, conhece a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela seja compacta apenas no que diz respeito a nossos sentidos; e a prova está na facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos aos quais não constitui mais obstáculo que os corpos transparentes para a luz.

A matéria tangível, tendo por elemento o fluido cósmico, ao desagregar-se, deve poder retornar, ao estado imponderável, assim como o diamante, pode volatilizar-se em gás impalpável, A solidificação da matéria, na realidade não é senão um estado transitório do fluido universal, que pode retomar a seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixam de existir. É coerente e cognitivo, conclui Kardec:

Ainda não possuímos senão os marcos do mundo invisível, e o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que para nós é ainda um mistério. Essa sentença está inserida no Capítulo XIV do livro “*A Gênese*”, dado a lume em 1868, por Allan

Kardec; iria ser ratificada em 1895, pelo pesquisador Alfred Erny, em sua obra: *“Le Psychisme Experimental”*, étude sur les phénomènes psychiques, nestes termos: “Quem sabe se no século XX não se descobrirá o psicoscópio, isto é, um instrumento bastante poderoso e sensível para nos permitir ver o fluido magnético e principalmente a matéria sutil que forma o corpo psíquico?”

O Espírito André Luiz, comunicando-se através da portentosa e incansável faculdade mediúnica de Francisco Cândido Xavier, escreveu, *“Nos domínios da Mediunidade”*:

“— Psicoscópio, que novo engenho vem a ser esse?”

“— E um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espírita (Alfred Erny), em fins do século passado (1895). Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria - esclareceu Áulus, com leve sorriso - esperamos esteja, mais tarde, entre os homens.”

O ACUMULADOR DE ECTOPLASMA

Por volta de 1850, ocorriam as fantásticas manifestações mediúnicas no seio da família de Jonhatan Koons, de Athens County, Município de Dover, Estado de Ohio-USA. Jonhatan, sob a orientação dos Espíritos, construiu um aparelho destinado a detetar e localizar a aura magnética dos médiuns e assistente. O aparelho era composto de elementos de cobre e zinco, dispostos de maneira bastante complicada. Graças a esse “acumulador de ectoplasma”, os Koons conseguiram notáveis fenômenos

mediúnicos. Os desenhos do aparelho foram publicados - segundo Ernesto Bozzano (*“Breve História dos Raps”*) - numa revista da época: *“The Spiritual Clarion”*, cujos exemplares se perderam.

O ECTOPLASMA NA VISÃO DE PESQUISADORES E MÉDIUNS

Vários pesquisadores se preocuparam com o ectoplasma³. O juiz Petersen, v. g. afirma que em 1877 viu “uma nuvem floclenta” envolver o médium W. Lawrence, formando, grada ti vãmente, um corpo sólido, conforme consta de seu livro *“Essays from the Unseen”* James Curtis presenciou, na Austrália, em 1878, através da mediunidade de H. Slade “uma como que nuvem de vapor branco-acinzentado se formando e aumentando, antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada. Alfred Russel Wallace revela ter visto com o Dr. Monk (conhecido, também, por “Reverendo”) “uma mancha branca” que aos poucos transformou-se numa “coluna nevoenta”. Alfred Smedley, em uma sessão com o médium Williams (quando John King se manifestou) reporta-se a uma “nuvem fracamente iluminada”. William Crookes, nas pesquisas com o famosíssimo médium Daniel Douglas Home, viu “uma nuvem luminosa”, que se condensou em uma mão. E. A. Brackett, trabalhando com a médium Helen Barry (1885), nos Estados Unidos da América, constatou que “uma pequena substância branca, como uma nuvem”, se dilatou, formando uma estranha figura de mulher. O fato é relatado em *“Materialized Apparitions”*. Edmund D. Rogers observou “uma substância esbranquiçada e fumacenta” ao lado do médium Eglinton, em experiências realizadas em 1885. Elisabeth

³ Ectoplasma substância conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swedenborg. O Dr. N. B. Wolfe trata longamente em sua obra *“STARTING FACTS IN MODERN SPIRITUALISM”* (1869). Paracelso denominou o ectoplasma de ‘Misterium Magnum’.

D'Esperance afirmou, após uma das inúmeras sessões experimentais de que participou, como médium: “parecia-me sentir que fios muito finos me saíram pelos poros da pele”.

A propósito da informação de Madame D'Esperance, o Espírito Katie King, n'algumas ocasiões, ficava ligado à médium Florence Cook “por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos”.

Em “*Life and Experience*”, Edmund Dawson Rogers, citado por “Sir” Arthur Conan Doyle, informa o que aconteceu na sessão realizada com o concurso do médium Eglinton (na cidade de Londres-Inglaterra):

“Mr. William Eglinton, em estado de transe, passeou pela sala, entre os assistentes e... começou, delicadamente, a tirar de seu lado e a atirar em ângulo reto uma substância fumacenta e esbranquiçada, que caía à sua esquerda. A massa de matéria branca no chão ia aumentando de largura, começou a pulsar e a se mover para cima e para baixo, oscilando para um lado e para o outro, como se a força motora estivesse por baixo. A massa cresceu até três pés de altura e logo depois a forma cresceu rapidamente, silenciosamente até a plena estatura. Por um rápido movimento das mãos, Air. Eglinton separou o material branco que cobria a cabeça da forma e aquele caiu para trás, sobre os ombros, tornando parte da indumentária do ‘visitante’. O laço de ligação - o fio esbranquiçado que saía do lado do médium - foi cortado ou se tornou invisível, e a forma avançou para Mr. Everitt, deu-lhe um aperto de mão e correu todo o círculo, tratando cada um da mesma maneira”.

Em uma sessão em Argel (capital da Argélia), realizada em 1905,

com Marthe Béraud, depois conhecida, graças à professora Bisson, como Eva Carrière, eis o que ocorreu e vem relatado nos *“Annals of Psychical Science”* volume II: “Marthe estava só na cabine, nessa ocasião. Depois de esperar cerca de vinte minutos, ela mesma abriu completamente a cortina e sentou-se em sua cadeira. Quase imediatamente - estando Marthe bem à vista dos assistentes, suas mãos, a cabeça e o corpo bem visíveis - viu-se uma coisa branca, de aparência diáfana, se formando junto a ela. A princípio, parecia uma grande mancha nevoenta perto do cotovelo direito de Marthe, e parecia ligada ao seu corpo. Era muito móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo, assumindo finalmente uma aparência de certo modo amorfa de uma coluna nevoenta, que ia desde cerca de dois pés acima da cabeça de Marthe até os seus pés. Não era possível distinguir nem as mãos nem a cabeça; o que se via era semelhante a nuvens brancas e floculentas, de brilho variável, que se iam condensando gradualmente, e se concentrando como que em redor de um corpo invisível”.

Nessa antiga possessão francesa (A Argélia - 1830 a 1962), foram realizadas memoráveis sessões de materialização de Espíritos, na casa de General Noel (Vila Carmen), de que fizeram parte, certa feita, Charles Richet e Gabriel Delanne. Ambos ficaram impressionados com as surpreendentes provas da sobrevivência da alma, praticamente demonstrada pelos seres do “outro mundo”, que se mostravam, diga-se de passagem., a toda sorte de acurados exames. Destacaram-se, nessas sessões, o Espírito Bien-Boa, antigo sacerdote que vivera 350 anos antes, em Golconde, no Indústão, e o Espírito da princesa egípcia Bergólia, que se materializava completamente nua, deslumbrando a todos com sua beleza.

Essas reuniões com os mais afamados médiuns da época, cercadas de

uma rigidez científica irrepreensível, surtiram, realmente, expressivos e irrefutáveis resultados. Entretanto, e como observa o “Gigante de Edimburgo”, em seu notável livro *“História do Espiritismo”*, Ed. Pensamento, S. Paulo, “Foi uma pena que Eva Carrière (ou outro médium de igual porte) não tenha tido uma oportunidade de exhibir seus dons numa atmosfera amorosa, numa sessão à velha moda espírita. E muito provável que o resultado tivesse sido muito diverso quanto às materializações. Como prova disso, Madame Bisson, numa íntima sessão particular com ela, obteve maravilhosos resultados, jamais alcançados através dos métodos desconfiados dos investigadores científicos”.

Parece, em verdade, que os “métodos desconfiados” dos experimentados inibem sensivelmente a médium, refletindo-se no teor das manifestações. Afinal de Contas, a participação do mediano nas manifestações é fundamental. O seu estado de ânimo exerce notória influência na força e na intensidade dos fenômenos. Sentindo-se à vontade, seu estar sob o guiante das percucientes observações dos pesquisadores, o médium se descontraí, assumindo posturas que vão contribuir, sem embargo, para se obter melhores e efetivos resultados.

Nas sessões da Vila Carmen, materializou-se, através das faculdades mediúnicas de Eva Carrière, o Espírito “Bien-Boa.

Informa Charles Richet nos *“Ann ales of Psychical Science”* que esse fantasma “anda, fala, move-se e respira como um ser humano. O corpo é resistente e tem uma certa força muscular. Nem é uma figura de gesso, nem uma boneca ou uma imagem refletida num espelho; é um ser vivo; é um homem vivo; e há razões para resolutamente por de lado qualquer outra

suposição do que uma ou outra dessas hipóteses - de que seja um fantasma com atributos de vida, ou de que seja uma pessoa viva, fazendo papel de fantasma”.

C. Richet, diante das evidências, recusa admitir que se tratava - como aliás era comum entre os teimosíssimos cétricos - de um caso de “desdobramento da personalidade”...

C. Richet e Gabriel Delanne tiraram muitas fotografias de “Bien-Boa”, consideradas excelentes pelos pesquisadores, incluindo Oliver Lodge.

O Dr. Schrenk Notzing, que se associou a Madame Bisson, viúva de Adolphe Bisson, conhecido homem público na investigação da faculdade mediúnica de Eva Carrière, eis o que esse pesquisador alemão revela, após suas experiências realizadas juntamente com a Madame Bisson, com a referida médium.

“Muitas vezes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido, vem do corpo da médium um material, a princípio semifluídico que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de movimento e de aquisição de formas definidas”.

A Conan Doyle acrescenta: “A gente pode ver essa coisa (o ectoplasma) como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão rapidamente e tão

maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará”.

Eva Carrière também fora investigada pelo Dr. Gustave Geley. Ao final das pesquisas, o autor de “*O Ser Subconsciente*” exclama:

“Aquilo que vimos mata o materialismo. Já não há mais lugar para ele no mundo”.

Após os trabalhos realizados com Eva Carrière, Gustave Geley obteve extraordinários resultados com o médium polonês Frank Kluski, conseguindo moldagens de parafina das mãos de entidades materializadas. Essas luvas de parafina eram tão pequenas nos pulsos que só poderiam ter sido feitas por desmaterialização! Qualquer outro meio seria inteiramente impossível.

Com essas conclusões do Dr. Gustave Geley, um pesquisador sério e estudiosíssimo da fenomenologia espírita, concluimos nossas considerações sobre o ectoplasma, “substância fumacenta e esbranquiçada”, que até hoje vem desafiando os investigadores, quanto à sua verdadeira origem.

ANÁLISE HISTOLÓGICA DO ECTOPLASMA

No mês de outubro de 1988 o conceituado “*Jornal Espírita*”, atualmente editado sob a responsabilidade da Federação Espírita de São Paulo, estampava na página 7, um trabalho de nossa autoria sob o título “*Análise Histológica do Ectoplasma*”. Fundamentava-se, a matéria, em uma detalhada informação, sobre o assunto, inserida na antiga Revista

(“*Revelador*”, fevereiro de 1941) do Departamento de Propaganda da União Federativa Espírita, então dirigida pelo jornalista e pesquisador Odilon Negrão, um dos mais lídimos divulgadores da Causa Espírita no Estado de São Paulo.

Entre os mais notáveis cientistas que se preocuparam com o estudo dos fenômenos supranormais, destaca-se o Dr. Albert Yon Schrenck-Notzing, neurólogo de fama em Munich, na Alemanha, que chegou a compendiar as suas melhores e mais felizes observações em “*Die Physikalischen Phénomene des Mediumismus*”.

Transcrevemos os resultados da análise ectoplasmática, recolhida nos trabalhos feitos com a grande médium polonesa Stanislawa, que foi uma das maiores sensitivas do mundo, na especialidade da produção de fenômenos físicos e fisicomentais.

O primeiro resultado dessa análise foi obtido pelo Dr. Lebiedezinky, de Varsóvia; o segundo pelo Dr. Schrenck-Notzing, na experiência de 25 de janeiro de 1913. Publicando os resultados dessa pesquisa, “*O Revelador*” julga estar prestando serviço útil aos estudiosos da parte científica do Espiritismo.

Em 20 de janeiro de 1916, o experimentador polonês, Dr. Lebiedezinky, conseguiu recolher, num recipiente de porcelana esterilizada, um pequeno fragmento de matéria ectoplasmática, antes que o ectoplasma tivesse tido tempo de desaparecer da boca do médium. Esse fragmento tinha o diâmetro de 5mm, a espessura de 5mm e pesava 0,101 gramas. Parecia poroso, sua cor era branca-amarelada-reluzente e não desprendia nenhum

odor. O fragmento de ectoplasma foi dividido em duas partes iguais, sendo uma analisada do Instituto Biológico do Dr. Raul France, em Munich, e outra, no Laboratório do Museu de Agricultura e de Indústria de Varsóvia. Como as duas análises, feitas independentemente uma da outra, coincidem, basta mencionar aqui que ambas deram os mesmos resultados que as investigações microscópicas verticadas sobre os restos teleplásticos recolhidos nos trabalhos da médium Eva Carrière. Segundo o resultado desses dois estudos - o do médico polonês e do neurólogo alemão — o ectoplasma é uma substância albuminóide, ligada a um corpo gorduroso e células, análogas as do organismo humano. É particularmente notável o grande número de leucócitos que nele se contém. As expectorações, por exemplo, nunca os contiveram em tão grande quantidade.

A matéria ectoplasmática recorda o líquido linfático e o quilo do corpo humano, sem ser, todavia, idêntico a esses produtos. Encontrou-se no vestido de Stanislawa, na parte em que o fantasma havia tocado, pequena mancha branca, quase do tamanho de uma pequena moeda de 3 marcos. O exame microscópico das partículas dessa mancha ectoplasmática (foram obtidas 10 preparações), indicou a seguinte composição: nas preparações de números 1 a 9, notamos formações celulares granulosas, de forma e tamanho dos glóbulos brancos, ou melhor, dos corpúsculos mucilaginosos. Também há corpos sem núcleo em forma de células epiteliais, assim como células de epitélio características.

Na preparação n° 10, encontraram-se grupos bem definidos de núcleos, assim como glóbulos brancos ao lado de células epiteliais nitidamente reconhecíveis, o exame da preparação n° 10 justifica a hipótese, segundo a qual, as formações granulosas encontradas em outras preparações

representam, igualmente, glóbulos brancos, cujo núcleo está oculto por uma granulação, e segundo a qual, os corpúsculos desnucleados e forma de células de epitélio derivariam daqueles, nos quais os núcleos tivessem desaparecido.

No que concerne a origem dos produtos submetidos a exame, a composição e a aparência dos mesmos, sobretudo nas preparações 1 e 2, recordam expectorações, visto como se encontram neles um grande número de corpúsculos mucilaginosos e, também, células redondas afetadas de degeneração gordurosa, sob a forma de células de “epitélio alveolar”.

A forma prolongada dos glóbulos brancos que aparecem amiúde, deitados em massas filamentosas, pertencem, realmente, às expectorações. Por outro lado, o aspecto das manchas ectoplasmáticas examinadas que foram encontradas no tecido negro do vestido da médium Stanislawa, não correspondem às expectorações dissecadas, porque, segundo as experiências, estas expectorações formam sobre o tecido preto películas esbranquiçadas e reluzentes, compostas de um conjunto de inúmeras ilhotas. Estas ilhotas devem sua origem às bolhas de ar encontradas nas expectorações.

As manchas esbranquiçadas examinadas não tinham brilho e não estavam mescladas, em absoluto, com bolhas de ar.

Não se pode admitir outra origem à matéria ectoplasmática, pois que as secreções nasais deveriam apresentar um grande número de células epiteliais refrativas e, as manchas de ectoplasma condensados foram encontradas e colhidas 3 no vestido de Stanislawa, à altura de seu colo.

A EXISTÊNCIA DO DUPLO EM TUDO QUE VIVE

Dia-a-dia mais se consolida a concepção da existência do duplo em tudo que vive. Todos aceitamos a duplicidade dos corpos, nos humanos - pelo menos nos meios espiritistas - tendo a acrescentar a essa dupla, parte essencial, o Espírito.

A fotografia e a vidência nos afirmam que os animais têm o seu duplo. Os próprios Espíritos confirmam essa assertiva. Raymond, desencarnado na guerra de 1914-1918, filho de Oliver Lodge, o notável pesquisador inglês, deu ao genitor várias comunicações a respeito, notificando-o de que um cão pertencente à família, morto antes, achava-se em sua companhia.

Na “*Encyclopaedia of Psychic Science*”, de autoria do pesquisador Nando Fodor, vêm citados os nomes dos mais importantes médiuns, cujas faculdades, especialíssimas, possibilitaram materializações de diversos representantes do reino animal. Entre esses sensitivos, destacam-se Franecki Kíuski, notável poeta, e Jan Guzik, homem simples e de cultura limitada, ambos nascidos na Polônia, país da Europa Central.

Jan Guzik oferecia-se, perfeitamente, à materialização do duplo de cães e de alguns animais de aparência estranha que os pesquisadores, entre os quais o Dr. Gustave Geley, não conseguiam classificar. Franecki Kluski, por sua vez, possibilitava a materialização do duplo de aves de rapina e de pequenos animais selvagens e até de grande porte.

Vários desses animais materializados foram fotografados durante as

sessões realizadas nas décadas de 1920 e 1930⁴.

Os resultados das pesquisas com Frannecki Kluski, vêm relatados na “*Revue Métapsychique*”, no fascículo de julho/agosto de 1921. O Dr. Gustave Geley, que assistiu às sessões, anunciou a publicação das atas a respeito do extraordinário fenômeno das materializações, nos termos que seguem:

“As materializações de formas animais não são raras com Kluski. Nas atas das sessões realizadas na Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, há registro de materializações do duplo de uma grande ave de rapina, aparecida em várias sessões e fotografada; e depois o duplo de um ser bizarro, uma espécie de intermediário entre símio e homem (pitecantropo). Ele á descrito como tendo a altura de um homem e uma face simiesca, mas com uma fronte desenvolvida e reta, cara e corpo cobertos de pêlos, braços bem compridos, mãos grossas e compridas. Mostra-se sempre mudo, pega nas mãos dos assistentes e as lambe como faria um cachorro...”

Esse ser, que fora chamado de “o pitecantropo”, manifestou-se várias vezes. Essa entidade, sempre dócil, só mostrava certa animosidade contra a gatinha da Sra. Kluski, de nome Frusia, que costumava se deitar sobre o joelho da esposa do médium.

No tocante à materialização da grande ave de rapina (um condor), a ata da sessão realizada no dia 7 de setembro de 1920, informa, sob a

⁴ O Dr. J. G. Thomson conseguiu fotografar, numa sessão experimental, em Londres, uma cadelinha materializada junto a um fantasma em manifestação estercológica. Posteriormente, o animal foi reconhecido por uma senhora que viu a foto, numa moldura, na sala de estar do pesquisador: pertencera a um tio seu já desencarnado, justamente o fantasma registrado na fotografia.

chancela de Gustave Geley:

“As 11 horas e 20 minutos, viu-se um grande pássaro, bem materializado e bem iluminado.”

A “*Revue Spirite*” (janeiro/fevereiro de 1920) divulgou a fotografia do duplo da ave de que trata a ata supracitada, e que fora vista sobre o ombro esquerdo do médium, com suas grandes asas abertas e o olhar penetrante dirigido para os experimentadores, que sentiram, naquele momento mágico, o quanto é enigmático o processo existencial, de que faz parte todos os seres vivos.

O professor Ernesto Bozzano, pesquisador notável, assim como Gustave Geley, que devotou sua vida à investigação da Imortalidade, jamais alimentaram a esperança de que as pesquisas que desenvolveram, com idealismo e amor à Verdade, em torno da materialização do duplo da alma humana e da alma animal encontrassem a aceitação plena da comunidade científica européia e de além-mar. Ambos sofreram, como o inesquecido William Crookes, os ataques, injustos, dos seus contemporâneos, muito “experts” em coisa nenhuma...

O TESTEMUNHO DE ANDRÉ LUIZ

Entre nós, despontamos as anotações psicografadas de André Luiz, o grande pesquisador do além.

Informa ele que as plantas também têm o seu duplo!

Vejamos o caso em apreço, ao nos relatar a passagem em que, uma menina-Espírito, residente na esfera “Nosso Lar”, vem à Crosta da Terra,

em companhia de sua mãe, em visita ao que na Terra fora pai e esposo, aproveitando a liberação provisória do duplo deste, através do fenômeno do sono. Lê-se, então, em “*Os Mensageiros*” - capítulo 37, o seguinte, relatado pelo autor de “*Mecanismos da Mediunidade*”:

“Aniceto (mentor espiritual), Vicente e eu, em companhia doutros amigos, fomos ao pequeno jardimzinho que rodeava a habitação.

As flores veludas recendiam. A claridade espiritual ambiente, como que espanicava as trevas da noite.

Respirando as brisas cariciosas, que sopravam na Guanabara (Rio de Janeiro), reparei, pela primeira vez, no delicado fenômeno, que não havia observado até então. Uma pequena carinhosa, enquanto a mãezinha palestrava com um amigo, despreocupadamente, colheu um cravo perfumoso, num grito de guerra. *Vi a menina talar a flor, retirá-la da haste, ao mesmo tempo que a parte material do cravo emurchevia, quase de súbito* (grifos nossos).

A Sra. repreendeu-a com calor:

— Que é isso, Regina? Não temos o direito de perturbar a ordem das coisas. Não repitas, minha filha! Desgostas- te a mamãe!”

Não esqueçamos de que se trata de Espíritos desencarnados. Só se pode admitir, pois, que a menina-Espírito cortou a parte fluídica, o duplo, do cravo, tanto que a parte material da flor emurcheceu!

Se a parte material do cravo ficou de pé, emurhecida, e a menina-Espírito levou o cravo consigo, depois de talá-lo, à sua mãe, é fora de dúvida

que se tratava do duplo fluídico do cravo.

Se os outros seres vivos têm o seu duplo, sobrevivendo à morte, por que as plantas, que também possuem vida, não deviam ter o seu duplo?...⁵

A PSICOSCOPIA E A QUESTÃO DOS HOMENS DUPLOS

A psicoscopia (equivocadamente rotulada de “autos-cópia externa”) é um dos fenômenos mais raros e inexplicáveis no campo das pesquisas psíquicas. Em “*Obras Póstumas*” Allan Kardec trata do especioso assunto, valendo-se das informações contidas na obra “*Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*”, de autoria do pesquisador alemão Maximilien Perty, publicado nos idos de 1861, aí colhendo o seguinte exemplo:

Um proprietário rural foi visto por seu cocheiro, no curral, olhando o gado, no mesmo momento em que estava comungando na igreja. Contou o fato mais tarde a seu pastor, que lhe perguntou em que ele estava pensando no momento da comunhão, “Para dizer a verdade”, respondeu ele, “eu estava pensando no meu gado”. “Então está explicada a sua aparição”, replicou o eclesiástico.

Kardec, em seguida ao relato, esclarece que o sacerdote estava com a verdade, “porque, sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, este deve achar-se no lugar onde se encontra o pensamento”. A questão é saber-se, no estado de vigília, o desprendimento do perispírito pode ser

⁵ Além de possuir um duplo, as plantas, conforme pesquisas pioneiras do norte-americano Cleve Backster, com o polígrafo, são dotados de percepção, que seria a grosso modo, um sistema sensorial cujo mecanismo, acreditamos, se encontra, etnigmaticamente, nas funções de seu duplo, princípio revelado por André Luiz. Maiores esclarecimentos sobre o assunto podem ser encontrados na nossa obra “*O Túnel e a Luz*”.

suficientemente grande para produzir uma aparição, do qual uma parte animaria o corpo fluídico e a outra, o corpo material. Nada haveria de impossível nisso, se considerarmos que, quando o pensamento se concentra em um ponto distante, o corpo age de modo maquinai, sob uma espécie de impulsão mecânica, o que acontece muito com as pessoas distraídas. Só a anima a vida material; a vida espiritual acompanha o Espírito. E, pois, possível que o homem em questão tivesse passado por grande distração naquele momento, e que seu gado o preocupasse mais que a sua comunhão.

Uma ao lado da outra - Um outro caso, não menos intrigante, aconteceu com uma jovem professora irlandesa: voltando do enterro do marido, ao entrar em seu quarto, percebeu ali um vulto estranho. A fim de ver quem era, ela levou a mão ao interruptor. No mesmo instante, o vulto fez um gesto idêntico e suas mãos se tocaram. Segundo a professora, sua mão gelou e ela teve a impressão de que o sangue se esvaía, como e por que não soube explicar. Mas, mesmo assim, conseguiu acender a luz, e para a sua surpresa, viu uma figura feminina de rosto e roupas idênticas aos seus - era como se estivesse se olhando num espelho.

Apesar do espanto, a professora não sentiu medo. Só um torpor, uma certa apatia, que foi tomando conta de seu corpo o de sua mente, deixando-a tão exausta que ela decidiu se deitar. Começou a tirar as luvas e o véu - e a figura repetia todos os seus gestos. Por fim, recostou-se e fechou os olhos; e, nesse exato momento, sentiu que estava sozinha outra vez. Abriu os olhos e verificou que o vulto havia desaparecido. Aos poucos suas forças retornaram, e ela pôde levantar-se da cama sem fazer grande esforço.

Ainda em "*Obras Póstumas*" Kardec relata o caso famoso da

professora Emilie Sagée, que perdeu dezenove vezes seu emprego porque aparecia por toda parte em duplo. As jovens de um pensionato em Neuwelke, na Livônia, viam-na às vezes no salão ou no jardim, quando na realidade ela se achava em outro lugar. Outras vezes, elas viam diante do quadro-de-giz, durante a aula, duas professoras Sagée, urna ao lado da outra, exatamente iguais, fazendo os mesmos movimentos, com a única diferença que só a verdadeira Sagée trazia um pedaço de giz na mão, com o qual escrevia no quadro.

Diferenças Básicas - Esses relatos, sobretudo fantásticos, são casos típicos de psicoscopia, que muito têm despertado a atenção de psiquiatras, psicólogos e parapsicólogos. Mas, apesar de todas as pesquisas levadas a efeito, ao longo dos anos, os investigadores não chegaram a conclusão nenhuma sobre a sua gênese, embora se permitam emitir hipóteses a respeito. A verdade, porém, conquanto a psicoscopia seja um processo mais ou menos parecido com o desdobramento espiritual, existem certas diferenças entre os dois fenômenos que não podem ser ignoradas.

A psicoscopia geralmente acontece quando a pessoa está de pé e o que aparece é uma imagem acinzentada do busto. Vestida com as mesmas roupas e imitando todos os seus gestos. E, o que é fundamental, a consciência permanece no corpo físico e não no duplo. Já no desdobramento, ocorre o inverso: a consciência fica no duplo e não no corpo físico. Se na psicoscopia a pessoa está de pé, no desdobramento ela geralmente está deitada. O duplo se desprende os poucos e, de início, flutua no ar, deitado, até aprender a se equilibrar e poder ficar de pé. O duplo vê e lembra-se do que viu: o quarto, seu corpo deitado, os objetos, as pessoas, etc. - e quando retorna ao corpo, consegue descrever tudo o que viu.

O desdobramento já foi cientificamente provado em trabalhos de laboratório, especialmente pelos professores Charles Richet, Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof, Paul Gibier e tantos outros pesquisadores que seguiram, nesse particular, as luminosas pegadas do mestre Allan Kardec.

Mecânico-maestro - Deve-se observar, contudo, que ambos têm algo em comum: em geral eles ocorrem quando o sensitivo se encontra cansado, ansioso ou deprimido. Só que, na psicoscopia, a ingestão de drogas ou de grande quantidade de álcool, assim como certas lesões cerebrais parecem favorecer a ocorrência do fenômeno. Esclarece a pesquisadora Elsie Dubugras, a propósito, que essa peculiaridade levou médicos e cientistas a pensarem que a psicoscopia poderia estar relacionada a desordens orgânicas e, por vezes, mentais. Além disso, para determinado tipo de pessoa ela serviria como autocompensação psicológica...

Essa hipótese, que nasce e morre como hipótese, seria ilustrada com o caso de um mecânico de meia-idade que durante oito anos manifestava o fenômeno da psicoscopia. Qualquer hora do dia, mais especificamente ao anoitecer ele via sua própria imagem regendo uma orquestra. O duplo era do tamanho normal (corpo inteiro e não apenas o busto, como é mais freqüente) e usava roupas de mecânico. Aí se configuraria um caso, segundo imaginaram os especialistas que dele tiveram conhecimento, de autocompensação uma vez que, argumentam, o mecânico sempre fora um apaixonado pela música, alimentando, sempre, o desejo incontrolável de ser maestro, o que lhe não seria, de modo nenhum, possível, levando-se em conta o seu *modus vivendi*.

Elemento Espiritual - Outros sinais que tipificam, os casos de psicoscopia: no curso do fenômeno, algumas pessoas sentem frio, enquanto outras são presas de indefinível apatia, tristeza e profundo desânimo, como se perdessem uma quantidade muito grande de energia vital. Ademais, o duplo se apresenta, normalmente, com uma aparência diáfana, conquanto se tenha notícia de casos em que as imagens vistas em coes, e, o mais intrigante: mormente os duplos, na maioria das vezes, repitam os gestos de sua “matriz”, já houve casos em que eles demonstraram possuir movimentos independentes, como por exemplo, aconteceu com o mecânico de meia-idade.

“Se em todas essas histórias fantásticas há algo a aprender - elucidada Kardec -, há também muito para se pôr de lado, inclusive a parte relativa à lenda. O Espiritismo, longe de fazer-nos aceitar cegamente, nos ajuda a separar o verdadeiro do falso, o possível do impossível, com o auxílio das leis que nos revela, referentes à constituição e ao seu papel do elemento espiritual.

O que é impossível — Destarte, não apressemos a rejeitar, a prioridade tudo aquilo que não compreendemos, porque muito nos falta, na verdade, para conhecer todas essas leis, e porque a Natureza ainda não nos revelou todos os seus enigmas. O mundo invisível é um campo de observação ainda novo para nós, a despeito de mais de um século de Espiritismo, e seria notória presunção pretender-se haver sondado (e desvendado) todas as suas profundezas. Não obstante, há fatos dos quais a lógica e o bom senso, bem como as leis conhecidas, demonstram a sua impossibilidade material. Cita-se como exemplo o caso relatado na “*Revue Spirits*” (fundada por Kardec em janeiro de 1858), relativa ao mês de

fevereiro de 1859, sob o título: “*Meu Amigo Hermann*”.

Tratava-se de um jovem alemão da alta sociedade, delicado, amável e de caráter íntegro que, todas as tardes, ao pôr-do-sol, caía em um estado de morte aparente. Durante este período, o seu Espírito despertava numa região antípoda, na Austrália, no corpo de um bandido malvado, que acabou sendo enforcado.

Supondo-se a possibilidade dessa dualidade corporal, o mesmo Espírito não pode ser, alternadamente, durante o dia, em um certo corpo, um homem de bem, e à noite, um outro corpo, um malfeitor. Dizer que o Espiritismo crê em tais histórias, é mostrar que não o conhece, pois ele fornece os meios para provar o absurdo. Mas, no mesmo tempo que ele demonstra o erro de uma crença, prova que ela muitas vezes se baseia em um princípio verdadeiro, desvirtuado ou exagerado pela superstição.

Fatos incontestáveis - A questão, muito interessante dos Homens Duplos, segundo o pensamento kardequiano, foi, até aqui, relegada a segundo plano pela própria ciência espírita, à falta de documentos suficientes para a sua total elucidação. Estas manifestações por mais estranhas que sejam, por mais incríveis que pareçam, à primeira vista, sancionadas pelos relatos dos mais importantes historiadores da Antigüidade e da Idade Média, confirmadas por acontecimentos recentes, anteriores ao Advento do Espiritismo, ou contemporâneos, não podem de modo nenhum ser postas em dúvida. “*O Livro dos Médiuns*” e a “*Revista Espírita*” em numerosas passagens, confirmam sua existência de maneira incontestável.

ENERGIA E CONSCIÊNCIA

Para grande número de homens de ciência e de filósofos existe um laço entre a energia e a consciência. “A consciência” - afirma Kostyleff- “é uma parte da energia tal como se manifesta no mundo vivente, no homem. Henri Berr diz que “a energia em si é, em menor grau, o que o Eu encontra em si mesmo: a tendência a existir, a existir o mais possível”.

Esta profunda modificação das idéias atingiu, também, a Bioiogia: conhece-se a repercussão mundial da obra “*O Homem e o seu Destino*”, do biologista Pierre Leconte du Noüy, que vê na evolução qualquer coisa mais do que simples jogo das forças físico-químicas e do acaso, isto é, a manifestação de uma idéia, de um Querer Supremo,

Numa obra intitulada “*O Dinamismo Ascensional*”, outro biologista - *Gustave Mercier* - desenvolveu uma concepção, segundo a qual a Vida e o Espírito estão presentes no Universo, que a Evolução faz progredir, elemento por elemento, do reino do determinismo ao reino da liberdade. Eis alguns pensamentos deste biologista-filósofo:

“A criação está sempre em marcha, mesmo quantitativamente. O Universo desenvolveu-se em si mesmo pelo seu esforço, englobando os esforços e o trabalho de todas as partes individuais. Aquilo a que chamamos vida deriva da organização que não tem limite inferior. O átomo é organizado, porque é vivo. Nenhuma cortina de ferro separa o mundo mineral do mundo orgânico.”

“A consciência marca o acesso a um estágio superior - o da espiritualidade - que se define biologicamente como conquista do tempo e

do espaço, um domínio próprio conducente ao domínio de grande parte do Universo e à libertação progressiva da servidão material.”

Existe identidade natural entre a energia e a espiritualidade humana e esta permite a progressão e a possessão, em consciência, dos planos que servem de base ao Universo.

E Gustave Mercier conclui:

“O Universo contém em si próprio a sua razão suficiente e a sua justificação. E o mesmo que o homem que, doravante, constitui uma peça essencial e que, pelo desenvolvimento da espiritualidade, deve elevar-se à Fonte Suprema que acaba de enriquecer com o seu esforço”.

Enquanto isso, Albert Vandel, Professor de Zoologia na Faculdade de Ciências de Toulouse, na sua obra *“O Homem e a- Evolução”*, exprime nitidamente a idéia filosófica fundamental que tende a libertar-se da ciência contemporânea:

“Se a evolução” afirma ele - “é, antes de mais nada, desenvolvimento do Espírito, emergência da consciência fora da matéria e do orgânico; se o pensamento é o modo superior do ser, como a energia é a forma nobre da matéria, o sentido da vocação humana não apresenta dúvidas. O Homem deve libertar-se das influências materiais hereditárias, familiares e raciais que traz em suas origens orgânicas, a fim de se empenhar inteiramente na imensa aventura espiritual em que se põe em jogo o destino do mundo”.

E finaliza:

“Todo o processo real se deve processar no plano do Espírito. E por

um constante esforço de penetração e de amplificação interior que o homem cumpre o seu destino e participa, ao mesmo tempo, da obra universal... A moral da necessidade e do interesse pessoal que se alimenta nas mesmas fontes da atividade animal, é incapaz de satisfazer aquele que penetrou o sentido e o valor do trabalho humano. O Homem deve labutar na obra coletiva, que ultrapassa e integra no desenvolvimento universal; e é numa entrega total de si mesmo e numa obrigação sem reserva que deve esgotar a força, a confiança e a alegria”.

Por seu turno, Lincoln Barnett, autor da obra *“Einstein e o Universo”*, após evidenciar as concepções revolucionárias da física relativista, mostra como o conhecimento científico é limitado pelo fato de o Espírito humano acabar por se descobrir a si mesmo no Universo que explora.

“Na evolução do pensamento científico” - declara a, Barnett - “um fato se tornou infinitamente claro: não há mistério do mundo físico que não conduza ao mistério de nós mesmos. Todas as grandes vias da inteligência, todos os resumos da teoria e das conjunturas conduzem finalmente a um abismo que a natureza não pode franquear. Porque o Homem está preso a seu ser pela sua finalidade e ligação à natureza. Quanto mais alarga os horizontes, mais reconhece que - no dizer do físico Niels Böhr - ‘somos ao mesmo tempo espectadores e autores no drama monumental da existência!’”

Entre os progressos da Física e da Biologia, as investigações parapsicológicas dão importante contributo a esta orientação espiritualista do pensamento contemporâneo, que se vai tirando do conhecimento científico um elevado ideal moral e social. Depois de William James

afirmar que “vivemos à superfície de uma inteligência imensa”, o Dr. Joseph B. Rhine, pai da Parapsicologia, acredita, firme e racionalmente, que os fenômenos de clarividência e de premonição demonstram que o nosso ser psíquico escapa às limitações do tempo e do espaço, o que já é uma garantia de imortalidade!

CONCEITO DÍNAMO-GENÉTICO DA VIDA

“Estamos muito longe da perfeição” - disse Oliver Lodge (*“Evolução Biológica e Espiritual do Homem”*) - “e cada um de nós é, individualmente, um artigo inacabado... O Homem é, inegavelmente, um ser imperfeito, e está, todavia, em vias de desenvolvimento; mas não se deve perder de vista que nós partimos da idéia de que a criação é uma operação contínua, perpetuamente em curso, em movimento, exigindo tempo para atingir a maturidade e dentro da qual todas as coisas aspiram um fim designado e desejado anteriormente. ”

A história da Terra e a história da Humanidade estão igualmente sujeitas a um processo contínuo de movimento e de transformação, a um perpétuo vir-a-ser, apresentando, destarte, aspectos variados e distintos, cambiantes, completando-se uns aos outros, relacionando-se entre si e sucedendo-se no curso dos séculos.

“A substância (vivente) - disse Léon Denis - é um Proteu que reveste mil formas inesperadas... Todos os seres estão unidos uns aos outros e se influem reciprocamente. O Universo inteiro está submetido à Lei da Solidariedade” (*“O Grande Enigma”*)

Aristóteles, adiantando-se à sua época (antes de Cristo) concebeu

também a unidade e continuidade da vida, não apenas no encadeamento das formas, mas também em seus caracteres psicológicos e morais.

Em razão dessa monumental e silenciosa progressão evolutiva reconhece-se a necessidade de uma influência que se exerce de uma maneira constante para conduzir os seres e as coisas das fases rudimentares aos estádios mais aperfeiçoados.

Esta influência provém, indiscutivelmente, de uma Causa única, de um dinamismo psíquico superior que abraça e une todas as coisas e seres viventes, a todos os dínamo-psiquismos particulares em sua causalidade e movimento proteiforme. Causa ativa, eficiente, infinitamente sábia, centralizadora e diretriz das distintas atividades universais.

“No Universo” - disse o pensador espírita argentino Manuel S. Porteiro (*“Espiritismo Dialético”*) - “e como causa essencial de sua existência, há, fora de toda dúvida, um princípio inteligente ativo, criador e transformador perpétuo.”

Assim o têm estabelecido, ainda que de diversas maneiras e sob distintos nomes, todos os filósofos dialéticos, à exceção, entenda-se, dos materialistas, que só admitem a matéria como substância única, como única realidade e causa determinante da vida e do pensamento.

Heráclito, que fora o primeiro filósofo que pensou dialeticamente, que concebeu uma concepção dínamo-genética da Vida e do Universo, afirmou que:

“(…) tudo passa, que nada é, que tudo chega a ser, que nenhum

homem se banha duas vezes nas mesmas águas de um rio.”

Ele admitiu o princípio do movimento e da transformação constante de tudo o que existe.

Diria, a propósito, Gustave Geley, o genial metapsiquista francês:

“A vida é movimento, a evolução é movimento, o progresso é movimento, movimento ascendente, de transformação, de perfeição e eterno rejuvenescimento.”

Leibniz (Gottfried Wilhelm), o grande filósofo dinamista-espiritualista e sutil dialético, sustentava que há uma tendência em tudo quanto existe a trabalhar, a modificar-se, uma aspiração a um fim mais ou menos permitido:

“O futuro está cheio do presente... Tudo que não se movimenta e se transforma, morre.

Ou mais exatamente, não existe (Quo non agit nec existit).”

E completou o autor de *“Novos Ensaios sobre a Compreensão Humana”*.

“Tudo marcha, tudo move, evoluciona e progride, senão em linha reta, mas em ciclos espirais de avanços e recuos, de auroras e ocasos, de primaveras e outonos, de vidas e de mortes, que, por sua vez, recobram nova vida, num caudal de espiritualidade, de consciência infinitamente.”

A evolução em geral e em particular, em cada ordem das coisas, tem suas revoluções, seu aceleração e suas rupturas de forma, como resultado

do progresso gradual que, ao chegar ao máximo de desenvolvimento cíclico, rompe a resistência das forças que a pressionam e produz mudanças e transformações, não apenas quantitativas, mas, também, qualitativas. Cada vez que há uma mudança na progressividade gradual, produz-se um salto, sem que por isto se origine descontinuidade no progresso da vida, nem alterações biopsíquicas essenciais.

Os trabalhos de Hugo de Vries e de Armando Gautier confirmam, na área da Biologia, como os de Cope, na Paleontologia, a teoria das transformações bruscas ou por saltos, que concebeu o gênio dialético de Hegel, de que se utilizaram Marx e Engels para a formulação do conceito materialista da História, e que o Espiritismo, com Gustave Geley, redimensionava-o com o sentido espiritualista da evolução.

Em conclusão: Na Natureza tudo está em contínuo movimento; é um constante devenir, que não há nada absolutamente estático; nada isolado ou desvinculado da causalidade universal e do princípio psicodinâmico que a rege...

OS ORGANISMOS VIVOS SAO CAMPOS DE ENERGIA

As pesquisas realizadas, com absoluto sucesso, pelo casal Kirlian para confirmar, por sua vez, àquelas outras desenvolvidas pelo professor Adexander Gurvitch (1876-1945). Desde 1912 que o professor Gurvitch se ocupou, na Rússia com a morfogênese. Ao longo das pesquisas sobre a divisão celular das plantas, ele observou que as células de uma raiz de uma cebola eram estimuladas em um determinado ponto para aumentar a divisão celular quando a ponta da raiz de uma outra cebola era direcionada para aquele local. Foi constatado o mesmo efeito em diferentes tecidos de plantas

e de animais, chegando-se à conclusão de ter sido identificada o que se rotulou de radiação mitogénica. Objetivando eliminar qualquer interferência de ordem química, o professor Gurvitch colocou as cebolas em separado em pequenos vidros. Quando ele usava vidro de vidraças comuns, o efeito não acontecia.

Entretanto, quando usava o quartzo, a divisão celular continuava a ocorrer. No princípio o pesquisador russo imaginava que a radiação era puramente biológica; porém, observando com maior detalhe, verificou que se tratava de ondas eletromagnéticas. Com o passar do tempo, descobriu que a energia que estrutura e regula todos os seres vivos é eletromagnética!

A verdade, porém, é que o professor Gurvitch estava muito à frente de seu tempo (como, aliás, acontece com os grandes pioneiros). E suas teses sobre o funcionamento das células vivas nas décadas de 1920 e 1930, vêm sendo reativadas por seu patrício, o Dr. Uya Prigogine, ganhador de Prêmio Nobel pelas pesquisas que realizou em torno dos biofótons. Paralelamente, um outro notável investigador, o biólogo inglês Rupert Sheridrake, empreendeu estudos sérios a respeito dos campos mitogenéticos.

Deve-se no entanto, fazer justiça a um cientista e investigador psíquico alemão, o Dr. Hans Driesch (1867-1941) que foi o primeiro a demonstrar que os organismos vivos são, na verdade, campos de energia. Mas, para o Dr. Driesch essa energia que existe nos bastidores da criação das formas deveria chamar-se enteléquia (princípio vital imaterial e regulador) já anteriormente referido por Aristóteles e W. Goethe. Contudo, fora Alexander Gurvitch o primeiro a admitir que lidava com um campo magnético, descrevendo-o e demonstrando existir uma radiação correlata

nas células. As conclusões de Gurvitch seriam depois confirmadas pelas pesquisas levadas a efeito pelo Dr. Denis Gabor, Prêmio Nobel de Química, em 1928. Mas, as investigações em torno dos biofótons entraram em declínio e praticamente desapareceram, pelo menos no Ocidente, em virtude (entre outros motivos) da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, as pesquisas prosseguiram no Leste Europeu, daí decorrendo a descoberta da máquina Kirlian e o trabalho surpreendente do Dr. V. M. Inyushia sobre o corpo bioplasmático bem como de várias incursões científicas às questões bioenergéticas.

Após o conflito mundial, procedeu-se a uma espécie de renascimento das pesquisas iniciadas por Gurvitch. As correntes dos fótons foram fotografadas, graças a sofisticados instrumentos. Utilizou-se do fotoamplificador para analisar a luz encontrada na célula de organismos vivos. Nesse campo, destacam-se as figuras dos biofísicos italianos Colli e Faccini. Nos idos de 1954, eles chegaram à conclusão de que várias sementes de plantas irradiam luz, que ia desde o verde ao vermelho do espectro.

Deve-se observar, todavia, que a despeito de tantas e avançadas conquistas nessa fascinante pesquisa da Vida, em suas amplas e profundas implicações, não se chegou a um entendimento justo e real do significado da radiação biofotônica. Na verdade, a ciência ainda pretende explicar a Vida tão-somente à luz da bioquímica. Ademais, as pesquisas dos cientistas da ex-cortina de ferro, no que se refere a radiação biofotônica, não foram acolhidas pelos seus pares do Ocidente, que não acreditam que essa radiação, porque fraca, jamais poderia ter qualquer influência biológica.

Na década de 70, desponta o nome do biofísico alemão Fritz Albert Popp, da Universidade de Marburg. E ele concluiu, depois de acuradas pesquisas, que:

“A renovação das células no homem e no animal só poderia ser transmitida se existisse uma comunicação operando à velocidade da luz entre todas as células”.

Isto quer dizer que todas as células são sempre avisadas da morte de uma célula e não apenas a substituta!

Popp, a essa altura, tomou conhecimento das experiências do professor russo Kasnatchev, que demonstrou que as células vivas trocam informações biológicas no campo ultravioleta, através dos fótons. Em suma: ondas eletromagnéticas. Ao mesmo tempo, soube do trabalho desenvolvido por Alexander Gurvitch. A partir daí ele, sentiu-se vivamente estimulado a prosseguir em suas complexas pesquisas, perguntando-se, porém, quais as conseqüências da existência da luz no organismo vivo e quais as suas causas. Popp não admitia que o processo de comunicação dentro do organismo se devesse a um mecanismo puramente de ordem bioquímica.

O certo é que as pesquisas com os biofótons (que redimensionaram, a compreensão dos processos básicos da Yida) demonstraram que as células do corpo físico são dirigidas por um campo de biofótons que atuam mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam.

TÍPICAS MANIFESTAÇÕES ANÍMICAS

ANAGNOSIA

Do grego *anagnosis* + *ia*. Significa leitura supranormal de textos ocultos. O termo e definição são de autoria de Stanley Brath, notável pesquisador psíquico inglês, que o subdivide em quatro classes:

- I - Paragnosia
- II - Perianagnosia
- III - Proanagnosia
- IV - Teleanagnosia

AUTOCOSPIA

Do grego *autós* + *skopein* + *ia*. Significa percepção por parte do indivíduo, dos órgãos do seu organismo.

Atribui-se a criação do termo ao Dr. Paul Sollier (vide: *Les Phénomènes d'autoscopie*, Ed. Payot, Paris). Charles Richet, porém, em seu *Taité de Metapsychique*, 1922, afirma que o pesquisador Charles Feré, em *Notes sur hallucinations autoscopiques*, usara o vocábulo pela primeira vez. Enquanto isso, Eugene Osty, do Instituto de Metapsíquica de Paris, preferiu adotar o termo *autovisão*.

AUTOPREMONIÇÃO

Faculdade de conhecimento, por parte do percipiente, de acontecimentos que lhe dizem respeito, como o dia da morte, doença, acontecimentos trágicos e alegres.

BILOCACÃO

Fenômeno pelo qual o Espírito, em estado de transe profundo ou momentâneo, ou no momento da morte, transporta-se, biloca-se, com a

aparência de realidade ou tangibilidade real, de um lugar para o outro. É o mesmo que autotelediplosia, desdobramento e bicorporeidade.

BIOPAUSIA

É o domínio e a neutralização das funções orgânicas. Os fenômenos do faquirismo (quando verdadeiros) incluem-se nesta categoria.

CAMPO MEDIANÍMICO

É o espaço existente, nas experiências de pequenas levitações, entre as mãos do sensitivo e o objeto levantado. Por esse espaço, atravessa a corrente fluídica. É a expressão de Julien Ochorowicz, do Instituto de Psicologia Gerai de Paris.

CLARIVIDÊNCIA

Entende-se por clarividência o conhecimento extra-sensorial de fatos objetivos dos quais não fomos informados, sendo que a percepção pelos sentidos comuns é excluída. Esses fatos devem pois, fugir, completamente, à ação dos sentidos, quer estejam esses acontecimentos perto do sensitivo (criptoscopia: conhecimento anormal de coisas ou escritos ocultos), quer estejam a uma distância que os tornam inacessíveis aos sentidos (telescopia: visão anormal, a distância de coisas ou pessoas), quer estejam afastadas no tempo (clarividência no tempo). No último caso, é necessário, ainda, distinguir a vidência no passado (retroscopia) e a vidência no futuro (profecia).

CRIPTESTESIA OU TELEPATIA

A criptestesia, termo criado pelo Dr. Charles Richet, é a faculdade

que consiste no conhecimento de fatos ou coisas, conhecimento esse que o paciente tem pela percepção paranormal (estímulos psíquicos e anímicos) e, não, pelos órgãos sensoriais.

A criptestesia é, nada mais nada menos, que a Telepatia de Frederic Myers, um dos fundadores da famosa S. P. R. - Society for Psychological Research (1882).

CRIPDOMNÉSIA

A criptomnésia é um fenômeno que se apresenta com aparente característica de Telepatia e da Psicometria. Entretanto ele possui tipicidade própria, específica. É termo criado pelo Dr. Théodore Flournoy, professor de Psicologia da universidade de Genebra (Suíça). É a faculdade supranormal de leitura na mente dos pacientes, de fatos e idéias, conhecidos deles em outros tempos. E, então, a faculdade consistente no conhecimento oculto na subconsciência dos pacientes.

As teorias sobre a criptomnésia tendem a anular a sua fonte primordial: a reencarnação. Na realidade, as informações prestadas pelo sensitivo, normalmente em transe hipnótico, deverão ser minuciosamente investigadas, descontando-se dados eventuais de datas e lugares. A suposição de que o paciente tenha baseado a sua história em livros, revistas, filmes, documentários de TV, programas de rádio etc, que leu e/ou a que assistiu, durante um período de sua existência, não descaracteriza, de modo nenhum, o fenômeno da criptomnésia.

DÉJÀ VU E A PREMONIÇÃO

A experiência geralmente relatada de déjà vu sugere o que o Dr. J. B.

Bhine rotula de percepção extra-sensorial precognitiva. Exemplo:

Uma pessoa que penetra em sua cabina para uma primeira viagem transoceânica, imediatamente exclama já tê-la visto, nos mesmos detalhes, sem nunca ter examinado fotografias dela, nem nunca ter pisado num navio, Talvez - especulam os pesquisadores - o percipiente tenha tido um sonho precognitivo, esquecido e, contudo, bastante resistente em sua memória latente para produzir uma experiência de reconhecimento.

DERMOÓTICA

Dermoótica é a palavra usada para descrever a capacidade que certas pessoas têm de “ver” através da pele e das pontas dos dedos.

DIAPSÍQUICA

Do grego dia + psike + ia. É denominação de Émile Boirac, inserta em “L’Avenir des Sciences Psychiques”. É a comunicação de Espírito a Espírito, estejam eles encarnados ou desencarnados. Boirac tenta diferenciar o termo de Telespsiquia, que seria a transmissão do pensamento a longa distância.

DIAPSÍQUICA DERMOGRÁFICA

Fenômenos de desenhos na pele do próprio sensitivo que concentra o pensamento, desejando esta ou aquela dermografia, e o fenômeno se produz. Assemelha-se à estigmatização ou introssomatismo.

ECTOPLASMA

O vocábulo ectoplasma é criado pelo Prof. Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina, de 1913), para designar a substância que os médiuns

expelem pela boca, nariz, ouvidos, órgãos sexuais e pelos póros como tênues fios de energia vital, que servem para a realização de extraordinários fenômenos de ordem física.

ELONGAÇÃO

Fenômeno de ectoplasmia em que o corpo do médium se encomprida em alguns centímetros, como ocorreu muitas vezes com Daniel Douglas Home. Este tipo de fenômeno foi observado em algumas sessões experimentais dirigidas pelo sábio inglês William Crookes.

FOTOGRAFIA PSÍQUICA

Um dos sensitivos mais importantes no campo da fotografia psíquica foi o ascensorista norte-americano do Kansas, Ted Series.

GLOSSOLALIA

Vocábulo criado pelo Prof. Theodoro Flournoy para rotular a manifestação de pseudolínguas (falsas xonoglossias) elaboradas nos recessos subconscenciais do próprio médium. Não se trata de desdobramento ou dissociação de personalidade secundária, sugerido pelo psicólogo William James, o que caracterizaria um processo tipicamente anímico. Aí, o indivíduo expressaria o conhecimento de uma ou mais línguas que ele falou em existência pregressa.

HIPERESTESIA

Do grego hyper + aesthesis + ia. Sensibilidade aguçada de alguns percipientes. É a hiperacuidade dos sentidos normais, na definição do Dr. Eugène Osty. Faculdade que possibilita a certos percipientes, em tocando

um objeto qualquer, revelar o seu conteúdo. Um dos maiores sensitivos hiperestésicos do mundo foi o polonês Stephan Ossowiecki, pesquisado por Julien Ochorowicz e por Gustave Geley.

IDEPLASTIA

Do grego ideo + plastos + ia. Significa modelagem da matéria pelo pensamento. O termo foi criado em 1860 por E. Durand, da cidade de Gros, que lhe emprestou o sentido de sugestibilidade: a impressão que o pensamento, num terreno preparado pela sugestão, pode provocar no paciente. Julien Ochrowicz, em 1884, lhe deu novo significado: o da “realidade fisiológica”.

Dr. B. G. Tsinoukas, por reputá-lo etimologicamente impróprio, inexato e de nenhuma necessidade científica, recomendou, no Congresso de Paris, o seu banimento.

KIRLIANGRAFIA

Em 1935, em seu livro “*Teoria Eletro dinâmica da Vida*”, o médico norte-americano Harold Saxton Burr, da Universidade de Yale, descobriu um envoltório energético nos seres vivos e até chegou a chamá-lo de Campo L (L = life - vida).

Em 1939, na antiga URSS, Semyon Davidovich e Valentina Chisanfovna Kirlian inventaram uma máquina que conseguia fotografar um halo energético em torno dos corpos dos seres humanos, dos animais, dos vegetais e, até mesmo, dos minerais. Nascia, assim, a kirliangrafia.

LEVITAÇÃO

Admitem alguns autores que a levitação tem uma origem eminentemente mediúnica. Outros, porém, crêem que ele a tenha, também, uma gênese psíquica ou anímica. Eis, em síntese, com o pesquisador português Dr. Martins Velho explica o fenômeno, afirmando que na levitação de corpos humanos as leis que regulam a gravidade não se alteram nem se destroem. No caso, simplesmente à força da gravidade opôs-se outra força aproximadamente igual que permitiu ao corpo flutuar. Essa força é a “força psíquica”, ou a do sensitivo, ou a de um Espírito desencarnado. No primeiro caso, o fenômeno é Anímico, no segundo o fenômeno é Mediúnico.

MAGNETISMO

Magnetismo é conhecido desde as mais remotas eras. Formava uma parte da Magia ou Ciência dos Sábios de outrora. Os livros sagrados dos antigos ocultos, os hieróglifos do Egito.

METABIOS

Produção em organismos vivos, por meios paranormais, de efeitos orgânicos ou biológicos.

METACINESIA

Do grego metá + kinesis + ia. Fenômenos de deslocamento de objetos. A metacinesia, sendo uma das divisões da metergia, compreende duas modalidades:

- Paracinesia
- Telecinesia

METERGIA

É a ação ou exteriorização supranormal, variada e complexa, produzindo deslocação ou movimento de objetos a distância e produção de efeitos orgânicos no próprio sensitivo. Divide-se em:

- Metabiose
- Metideogenia

O BIÔMETRO DE HIPPOLYTE BARADUC

H. Baraduc, desencarnado em 1909, autor de várias obras sobre magnetismo, em que se destaca “*Iconographie de la Force Vitale Cosmique* Od\ fabricou um aparelho denominado Fotômetro, com o qual conseguiu medir a força psíquica.

PARACINESIA

Levitação de objetos com o contato do sensitivo.

PARAGNOSIA

Leitura, com contato, de um texto oculto.

PERIANAGNOSIA

Leitura de um texto nas circunvizinhanças.

PERSONISMO

De persona + ismo. Atribuem-se a personismo os fenômenos psíquicos inconscientes que se produzem nos limites na esfera corporal do sensitivo. E o desdobramento da consciência. Produzem-se no sonambulismo e no que Pierre Janet chamou de *automatisme psicológico* ou *prosopopese* de René Sudre.

PICTOGRAFIA

Faculdade mediúnica ou anímica em que o percipiente produz desenhos ou pinturas. É o mesmo que pneumatografia figurada.

PIROVASIA

É o fenômeno da incombustibilidade paranormal. Ação de suportar o fogo sem dor e sem danos físicos. O médium Daniel Douglas Home apresentava essa insensibilidade ao fogo.

PREMONIÇÃO

A premonição, modernamente rotulada de paragnose, é o conhecimento além dos limites sensoriais. É o mesmo, ainda, que antevisão, prenuncio, presciência, profecia etc.

PROANAGNOSIA

Conhecimento de um texto que ainda não foi escrito ou impresso.

PSICOCINESIA

Influência direta que o agente, sem nenhum contato direto ou pessoal, atua sobre a matéria física.

PSICOMETRIA

Conhecimento do passado, do presente e da personalidade humana pela clarividência e por intermédio de contato com objetos pertencentes à época ou às épocas que o experimentador deseja conhecer. O termo foi criado pelo Dr. J. Rhoades Buchanan, médico norte-americano, em 1849. A obra que trata do assunto é a que publicou em Boston (USA), sob o título

“A Manual of Psychometry: the Dawn of a New Civilization”.

PSICOTRÔNICA

A psicotrônica surgiu a partir de 1960. Tentava-se sintetizar as pesquisas desenvolvidas por investigadores, em várias partes do mundo, preocupados em estabelecer as interconexões entre energia, matéria e consciência.

O vocábulo psicotrônica é constituído de dois vocábulos: psyché = Espírito + tron = instrumento.

SONAMBULISMO

Do latim somnus = sono + ambulare = marchar, passear.

Estado de emancipação da alma mais completo de que o sonho.

O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo a lucidez da alma, isto é, a faculdade de ver, que é um dos atributos da sua natureza, é mais desenvolvida. Ela vê as coisas com mais precisão e nitidez, o corpo pode agir sob o impulso da vontade da alma.

Sonambulismo natural - o que é espontâneo e se produz sem provocação e sem influência de nenhum agente exterior.

Sonambulismo magnético ou artificial, o que é provocado pela ação que uma pessoa exerce sobre outra por meio do fluido magnético.

SONILOQUIA

Do latim sommus = sono + loqui = falar. Estado de emancipação da

alma, intermediária entre o sono e o sonambulismo. Aqueles que falam dormindo são soniloquos.

Allan Kardec rotula de Noctâmbulo (do Latim nox, noctis = a noite + ambulare = marchar, passear), aquele que marcha ou passeia durante a noite, dormindo. Entretanto, ele sugere que se adote, em tais casos, a expressão sonâmbulo, uma vez que noctâmbulo e noctambulismo não implicam, de modo nenhum, a idéia de sono.

TELA PANORÂMICA

O Prof. Ernesto Bozzano admite três categorias de tela panorâmica, em que o indivíduo, na iminência da morte, estando ou não moribundo, vê decorrer, como se fosse numa tela cinematográfica, toda a sua vida pregressa, desde a infância até aquele crucial momento.

TELEANAGNOSIA

Leitura de um texto a grande distância.

TELECINESIA

Movimento de objetos sem contato do percipiente, a longa ou a curta distância.

TELEPSICOMAGNETOTERÁPICO

Consiste na projeção fluídica do magnetizador, a qual tem ação curativa.

TRANSE

Do latim transire = passar de um estado a outro. Seria uma condição

do “sono aparente” ou “inconsciente”, com marcantes características fisiológicas.

A verdadeira natureza do transe é desconhecida. Cada sensitivo apresenta, no particular, características específicas. Daniel Douglas Home, o mais notável médium da era kardequiana, afirmou, perante a Sociedade Dialética de Londres, declarou o seguinte: “Eu me sinto 2 ou 3 minutos em estado de sonho em que fico bastante tonto, perdendo também em seguida, toda a consciência. A seguir quando eu acordo, encontro pés e membros frios e é difícil restaurar a circulação. Tudo isso é desagradável. Após o transe, eu solicito aos presentes que me relatem o que aconteceu durante aquele momento. Eu próprio duvido do que eles me contam.”

TRANSFIGURAÇÃO

A transfiguração também conhecida por endometaplasia, é um dos fenômenos mais raros do psiquismo experimental. Pode ser mediúnica ou anímica.

TRANSPOSIÇÃO

Do Latim transpositionem. Faculdade supernormal de percepção de coisas fora dos sentidos normais. Pode ser classificada como:

- Transposição de cores;
- Transposição de gosto;
- Transposição de sentidos.

Desdobramento do perispírito em estado de vigília

A esse fenômeno de natureza anímica se deu o nome de “homens duplos”.

GEMAS, AMULETOS E TALISMÃS

Nos idos de 1937, a “Revue Spirite” iniciava a publicação de uma série de artigos de autoria do Professor Ernesto Bozzano, sob o seguinte e sugestivo título: “*Gemas, Amuletos e Talismãs*”, traduzido pela FEB e transcrito em “*Reformador*” daquele mesmo ano.

No “caput” do supracitado artigo, o Prof. Bozzano confessa que, por longo tempo, hesitou antes que resolvesse tratar do assunto. Ao decidir-se a discorrer sobre o especioso tema, acreditava que as lendas e superstições que o alimentavam através dos séculos, escondiam inconfundíveis verdades. Afirmaria, então, o nobre pesquisador italiano: “Tudo, em suma, nos induz a supor que a imaginação dos povos jamais criou uma lenda que não tivesse por fundamento uma certa verdade”. E sentencia - “Ora, pois que nenhuma dúvida há de que uma parcela de verdade se encontre em todas as lendas ou crenças populares, é reconhecer-se que deve haver alguma coisa de verídico na misteriosa virtude, bem ou malfazeja, que foi atribuída a certas gemas e aos amuletos e talismãs, aos quais conviria mesmo acrescentar as ‘reliquias’ dos santos”.

Em seguida, o professor Bozzano reporta-se às experiências desenvolvidas às expensas da extraordinária faculdade mediúnica de Reverendo Willian Stainton Moses, baseado nas narrativas da Sra. Stanhope Speer. São exemplo de “trazimentos”, ou mais exatamente, das misteriosas criações de gemas, pela personalidade mediúnica do “Mentor”.

“Que as gemas em questão eram ‘criações espíritas’ e não “tranzimentos” - esclarece Bozzano - “as personalidades mediúnicas constantemente o afirmaram”. Essas, pedras preciosas possuíam especiais

propriedades. A safira que o Espírito “Imperator” trouxe a Stainton Moses, com o fim de lhe facultar uma proteção espiritual, possuía virtudes curativas.

Quando Moses estava doente, a safira se embaciava e perdia toda a transparência e assim permanecia até a cura completa.

Em seguida, Bozzano passa a palavra à Sra. Stanhope Speer, que relata o seguinte:

“... Vimos quase imediatamente formar-se uma auréola de luz em torno do grupo de experimentadores, enquanto perfumes deliciosos se espalhavam pela sala. Pouco depois, Franklin se manifestou, dando instruções acerca das gemas trazidas antes e anunciando que aquela noite com o auxílio de inúmeros Espíritos, iria constituir e trazer uma safira para o médium. Preveniu-nos de que se tratava de uma jóia muito preciosa, como igual não existia no mundo. Os Espíritos-Guias a tinham saturado de diferentes espécies de influências favoráveis, que iriam fazer muito bem ao médium, assim como do ponto de vista espiritual, como do ponto de vista físico... No fim da sessão deparamo-nos com belíssima gema prometida a Stainton Moses. Era de viva cor azul, mas ao mesmo tempo, de puríssima água, transparente, luminosa. Os Espíritos-Guias preveniram a Stainton Moses que a devia guardar como um tesouro, com o maior cuidado e tê-la sempre consigo. Notamos que, quase sempre, quando Stainton Moses não estava de boa saúde, a safira se embaciava e mudava de cor”.

Em seguida, Stainton Moses relata que fora na Regent Street (famosa rua de Londres), à casa dos joalheiros “Leroy and Son”, para mandar montar

num anel a safira. Quando os joalheiros lhe entregaram o anel, reuniu-se com os Espíritos, tendo à frente o “Imperator”, seu guia, a fim de expurgar a jóia das “Influências” contrárias que absorvera passando por tantas mãos. Este relato com detalhes, pode ser encontrado nos “Proceedings” (Resenhas) das Sociedades de Pesquisas Psíquicas, de Londres, volume XI.

Na revista “*light*” 1883, porém vêm contados pela Sra. Speer, os trâmites da sessão a que refere o médium Stainton Moses:

“Haviam-nos dito mandássemos montar as gemas que tínhamos recebido em outros tantos anéis que traríamos constantemente no dedo. Essa noite pediram-nos que as puséssemos todas sobre a mesa para que as pudessem saturar de influências espirituais. O Sr. Moses colocou o seu anel no meio da mesa, em um lenço de seda. Logo depois, vimos formar em torno do grupo o habitual halo luminoso, enquanto que uma rápida série de pancadas era dada ao redor da jóia. Manifestou-se, além do “Imperator”, o espírito Benjamim Franklin, anunciando que o anel tinha sido purificado das influências contrárias que absorvera no curso do trabalho de montagem. Depois disso, um orvalho abundantíssimo de deliciosos perfumes começou a cair sobre os anéis e sobre nós mesmos. O lenço que continha o anel de Stainton Moses ficou literalmente ensopado desse orvalho e lhe conservou o perfume por muitos dias. “Imperator” se manifestou, por fim, confirmando o que dissera Franklin com respeito à purificação dos anéis e aos grandes benefícios que havíamos de tirar deles, sob diferentes aspectos, pois que os Espíritos-Guias reconheceriam sempre e em todos os lugares suas ‘auras’ e não deixariam de afastar de nós o que nos pudesse prejudicar, cercando-nos de influências propícias... Quando “Imperator” acabou de falar, o médium despertou sobressaltado chegando a perceber ainda a

majestosa figura do Guia”.

Após essa sessão de purificação e de saturação de energias espirituais, Stainton Moses evoca o Espírito-guia, com o qual se comunica através da escrita automática:

“Moses - Desejo comunicar-me com Benjamim Franklin.

“Espírito-Guia - a propósito de quê?

“Moses - Ele me trouxe uma pedra preciosa e eu queria obter explicações sobre isso.

“Benjamim Franklin - A gema que te foi trazida encerra virtudes magnéticas especiais, que nós lhe transfundimos.

“Moses - infinitamente reconhecido vos sou pela dádiva que me fizestes.

O joalheiro a quem levei para mandar montá-la num anel ficou maravilhado e declarou que jamais vira uma pedra preciosa de tal beleza. Agora diz-me: esta safira é de origem terrestre? Ou foi criada por vós outros? Será coisa diferente do que temos neste mundo?

“Benjamim Franklin - É diferente das safiras terrenas e muito preciosa. É de valor inestimável, dado que nenhuma existe igual no vosso mundo. O joalheiro não podia notar as diferenças que há entre a vossa safira e as que conhece, porque a pedra que te dei tem a aparência e traços característicos das safiras da Terra. Somente pela visão espiritual se chega a distingui-la das outras.

“Moses - Quão grande é a ignorância do mundo, acerca desses mistérios!

“Benjamim Franklin - E assim continuará, enquanto se conservar tão material nas suas aspirações. A grande maioria dos homens é excessivamente mundana, vulgar, para perceber as influências espirituais de natureza sutil e apurada... Gemas, perfumes e música são os três grandes veículos da influência espiritual.

O Prof. Ernesto Bozzano retoma a palavra e oferece os seguintes esclarecimentos:

“Os trazimentos de gemas que Stainton Moses obteve, constituíram ‘criações mediúnicas’ e, não ‘trazimentos’ propriamente ditos. Também farei notar que, se estivessem em causa jóias terrenas subtraídas a seus proprietários por aquelas personalidades, os jornais da época não teriam deixado de falar de uma série de furtos misteriosos de pedrarias de grande valor, realizadas em joalherias ou em casas particulares.

“Não será inútil responder previamente, desde já, às insinuações de algum jocosos que entendesse de levantar a hipótese de que o Reverendo Stainton Moses comprava as jóias que surgiam nos cursos das sessões. Respondo, fazendo notar que o Sr. Moses estava longe de ser rico.

Viveu sempre às expensas dos modestos ganhos que tirava do seu trabalho”.

Em seguida, o Prof. Bozzano, pretendendo ao que parece, lançar luzes sobre o inusitado fenômeno, esclarece:

“Os trazimentos de pedras-amuletos que aqui estudamos, apresentam modalidades de manifestação que levam a supor que alguma outra parcela de verdade, de categoria muito diversa, se deveria encontrar oculta e disfarçada no amontoado de superstições que os séculos nos transmitiram”.

E prossegue:

“O fenômeno é de natureza a não surpreender os que têm conhecimento da fenomenologia metapsíquica, dado que o fato de uma saturação fluídica dos objetos, alheia aos próprios objetos, está cientificamente provada pelas existências de psicometria, nas quais a absorção da ‘aura’ de um indivíduo, por um objeto qualquer que ele trouxe longamente consigo, constitui o fundamento das experiências em questão. E estes - repito-o - pertencem, doravante aos fenômenos metapsíquicos comprovados”.

E realmente sabido que as experiências de psicometria demonstram que a matéria, em geral, é susceptível de registrar as vibrações emanantes dos acontecimentos que perto dela se desenrolam, tornando aptos os sensitivos psicômetras revelar os seus tramites muita vez com surpreendentes detalhes. E assim que um pequeno fragmento de fóssil da época quaternária pode nos revelar um episódio da história geológica e paleontológica do seu tempo, tal como se dá no caso de um objeto usado durante muitos anos por um vivo ou um morto, o qual revela ao sensitivo parte dos acontecimentos que o seu dono viveu.

Segue-se que, em princípio, as experiências de psicometria provam a existência de qualidade benéfica ou maléfica registradas e conservadas nas

gemas, amuletos e talismãs, graças à intervenção de uma vontade exterior. Fora, todavia mister que esta se caracterizasse por um poder excepcional de irradiação, combinado com uma extraordinária energia volitiva, acrescentando que os objetos assim influenciados teriam de ser eficazes unicamente nos casos de percipientes ultra-sensíveis. A grande maioria dos vivos se conservaria insensível a essa influência. E, aliás, o que acontece nas experiências de psicometria, em que somente alguns raros sensitivos chegam a perceber as influências existentes nos objetos.

Essas circunstâncias são de natureza a reduzir as proporções modestas a eficácia benéfica ou maléfica dos artefatos usados como amuletos e talismãs. Nas instruções dadas pelo Espírito-Guia de Stainton Moses sobre a maneira que devia ser empregada a jóia-amuleto, depara-se com uma observação que limita à sua ação taumatúrgica. Destarte, as propriedades curativas da influência contida nas gemas mostrou-se especialmente eficazes (no caso de Stainton Moses) por ser o mesmo um sensitivo, do contrário, não seriam experimentados quaisquer efeitos curativos. Entretanto, deve-se ressaltar, à guisa de exceção, os casos que têm com causa um fato auto-sugestivo determinado pela fé cega nas virtudes taumatúrgicas do objeto ou na eficácia das práticas religiosas.

O Prof. Bozzano conclui seus arazoados observando que não se poderia racionalmente, por em dúvida a origem espiritual dos trazimentos de pedras-amuletos obtidos nas experiências de Stainton Moses. Não há no mundo corpóreo pedras preciosas que se embaciem e mudem de cor, quando o respectivo dono está doente. Despontam no particular, as seguintes perguntas: não se podendo negar, no caso de que se trata a existência, nas pedras, de uma situação fluídica de origem exterior, qual

seria então a origem dessa influência?

Se não é devida à vontade das personalidades espirituais que haviam criado as jóias, qual poderia ser o desconhecido vivo que transmitia a sua influência taumatúgica? Não tem resposta esta pergunta, a menos que se busque refúgio, ainda uma vez, na cômoda hipótese da subconsciência, que houvera tirado do nada as pedras preciosas para em seguida, as saturar de influências benéficas extraídas de si mesma e que serviriam para curar... a ela mesma e aos outros. É evidente que tudo isso raia ao absurdo. Os que com isso se contentam, têm a liberdade de fazê-lo, mas com a condição de não falarem em nome de pesquisas científicas, e, sim, em homenagem ao direito de soltarem os freios à fantasia.

Há ainda que destacar: é que uma regra elementar das pesquisas científicas exige que nunca se chegue a conclusões de ordem geral, com fundamento na análise parcial de um só grupo episódico, destacado do conjunto cios fatos que formam, com ele, uma coisa indivisível. Ora, o fenômeno de trazimento de pedras preciosas mais não é do que um grupo episódico pertencente a um conjunto prodigioso de outros grupos episódicos de ordem física e intelectual que, considerado coletivamente, formam um feixe tal de provas indutivas e coletivas, convergentes para uma explicação única - a interpretação espiritual dos fatos - que nenhuma dúvida fica sobre a legitimidade dessa interpretação. Unicamente para se chegar a tais conclusões, é preciso haver estudado, analisado, comparado o conteúdo de urna enorme documentação concernente às experiências de que se trata. Os relatos da Sra. Stanhope Speer referentes a uma série inteira de sessões experimentais, que duraram nove anos, apareceu na revista "*Light*" entre os anos de 1892 a 1893. Nunca foram reunidos em volume, nem mesmo na

Inglaterra, e hoje não há como encontrá-los. Contado, o Prof. Bozzano possuía a coleção completa desses relatos publicados na *“Light”*, o que lhe possibilitava emitir juízo com conhecimento de causa. Nessas condições, é manifesto que, se houvesse outros pesquisadores que desejassem, a seu turno, julgar destes fatos, pronunciando-se contra a origem espírita das pedras - tirando da análise parcial de um só grupo episódico conclusões de ordem geral - esses tais cometeriam, pelo menos, um erro imperdoável de metodologia científica.

O Prof. Bozzano chega a esta conclusão: “os famosos trazimentos de gemas-amuletos que se realizavam com o auxílio da mediunidade do reverendo Stainton Moses, não contribuem apenas para pôr em foco as parcelas de verdade existentes no amontoado informe de superstições que se aglomeram em torno da história dos amuletos e dos talismãs; não servem unicamente para clarear este assunto tão obscuro, legitimando-o em pequena parte e fixando-lhe em limites muito estreitos a possível influência. Concorrem também, de maneira eficaz, para demonstrar a intervenção incontestável de entidades espirituais nas manifestações a que nos referimos, o que equivale a lhe entender o alcance a todas as grandes manifestações do mesmo gênero”.

Deve-se louvar, sem embargo, a atitude corajosa do Prof. Ernesto Bozzano em tratar de um assunto que, no campo do psiquismo, se conserva menos elucidado, senão em profunda obscuridade, razão, naturalmente, porque também é o que dá lugar a opiniões ou crenças mais extremadas, que vão desde a negação absoluta, até a aceitação integral e sem reservas de todas as lendas que se têm divulgado em torno da eficácia desses objetos a que, vai para muitos séculos, se atribuem as mais variadas e portentosas

virtudes.

Mesmo os que se dedicam ao estudo a análise da fenomenologia espírita, diversificam-se nos seus pareceres sobre o momentoso assunto. Aliás, este é um dos pontos menos explícitos se mostraram os Espíritos da Codificação, nas revelações e esclarecimentos que transmitiram ao Mestre Allan Kardec, o qual também pouco se demorou em comentá-lo na obra básica do Espiritismo – *“O Livro dos Espíritos”*.

Eis aí um campo vastíssimo que se abre à pesquisa efetivamente inconclusa, a despeito das experiências com o notável médium Stainton Moses...

Os pesquisadores interessados poderão encontrar vasto material sobre a psicometria nas obras a seguir assinaladas:

- Psychométrie, L. Deinhard, Paris;
- A Manual of Psychometriy: The Dawn of a New Civilization, Boston, 1886, J. Rhodes Buchanan (o pioneiro no campo das pesquisas psicométricas);
- Traité de Métapsychique, Charles Richet, Paris, 1922;
- Nature’s Secret or Psychometric Researchs — W. Denton e Elisabeth Denton, Londres;
- The Soul of Things - W. Denton, Londres;
- Enquete Sur des Cas de Psychométrie, La Vue à Distance Dans le Temps te Dans L’espace, Edmond Duchâtel, com prefácio de J. Maxwell, Paris, 1910;
- Seeing the Invisible: Praticai Studies in Psychometry, thought transference, telepaphy and allied phenommena, James Cootes, Londres, 1909.